



Universidade Católica Do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós - Graduação
Mestrado em Família Na Sociedade Contemporânea

PATRÍCIA CALDEIRA DE QUEIROZ VILAS-BOAS

CONJUGALIDADE NA FAMÍLIA COM ADOLESCENTES

SALVADOR
2013

PATRÍCIA CALDEIRA DE QUEIROZ VILAS-BOAS
CONJUGALIDADE NA FAMÍLIA COM ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao
Mestrado em Família na Sociedade
Contemporânea da Universidade
Católica do Salvador como
requisito parcial para a obtenção do
Grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Miriã Alves
Ramos de Alcântara

SALVADOR

2013

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

V697 Vilas-Boas, Patrícia Caldeira de Queiroz.

Conjugalidade na família com adolescentes/ Patrícia
Caldeira de

Queiroz Vilas-Boas. – Salvador, 2013.

83 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do
Salvador.

Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em

TERMO DE APROVAÇÃO


PATRÍCIA CALDEIRA DE QUEIROZ VILAS-BOAS

CONJUGALIDADE NA FAMÍLIA COM ADOLESCENTES.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 20 de fevereiro de 2013.

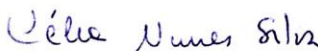
Banca Examinadora:



Dr(a). Miriã Alves Ramos Alcântara
Orientador



Dr(a). Ana Cecília Bastos - (UCSal)



Dr(a). Célia Nunes Silva - UFBA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu esposo, maior incentivador e merecedor de todo o meu carinho e admiração. Obrigada, Rogério, por ser quem é e estar tão presente em todas as minhas conquistas. Amo muito você.

A toda a minha família, por apoiar as minhas escolhas e dar suporte sempre que possível. Minha mãe pelas palavras de conforto, meu pai pelo incentivo de sempre, meu irmão pelo companheirismo e tranquilidade indispensáveis nesses dois anos. A meus avós pelas orações e pelo exemplo de respeito e amor no casamento. Nada disso seria possível sem o amor, carinho e exemplo de todos vocês.

Um agradecimento especial aos meus sogros que acreditam em mim de um jeito que nem eu mesma acredito. Obrigada por fazerem parte da minha família, por serem mais um suporte na minha vida.

A minhas amigas que sempre estiveram por perto, principalmente a Cris e Camila, que transformaram esse percurso em algo mais leve e possível.

A Miriã Alcântara, que sempre me incentivou e acreditou em meu potencial, me orientando desde a graduação. Obrigada por ser tão presente e dividir comigo sua paixão pela pesquisa.

A todos os meus alunos que me ensinaram a ser psicóloga e a entender a Psicologia de uma maneira diferente, estimulando o meu crescimento como profissional e como pessoa.

Por último e não menos importante, agradeço a Deus pela companhia e orientação durante esse período marcado por descobertas, sofrimento, trabalho e satisfação.

RESUMO

Na abordagem sistêmica, a família é considerada um todo organizado cujas partes não só se relacionam, mas são interdependentes. A partir desta perspectiva, este estudo tem por objetivo geral analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que concerne ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como intergeracionalidade, fronteiras e diferenciação. Como objetivos específicos, pretende-se: identificar e descrever a interação e influência da família de origem dos cônjuges na condução das questões conjugais e parentais; analisar a relação entre os subsistemas parental e conjugal envolvidos na transição para a adolescência; discutir a repercussão da adolescência do filho primogênito sobre a conjugalidade dos pais. O estudo atende aos requisitos para investigação com seres humanos e somente após obtenção da anuência do comitê de ética em pesquisa, foram entrevistados quatro casais, residentes na cidade de Salvador, com filhos primogênitos adolescentes com base em roteiro semi estruturado e no genograma a fim de reconstituir a história familiar, seus padrões e processos relacionais. Os casais foram selecionados com base nos seguintes critérios de inclusão: primeiro casamento, filho primogênito do casal possuir entre 12 e 17 anos completos, nível socioeducacional superior. Os resultados revelam que casais com menor nível de diferenciação em relação à sua família de origem tendem a super ou sub dimensionar os conflitos decorrentes da transição dos filhos para a fase adolescente. Quanto às dimensões intergeracionalidade e fronteiras constatou-se que a história individual de cada cônjuge com sua respectiva família de origem, os acordos feitos e os papéis designados repercutem na maneira como as questões conjugais são conduzidas, implicando na percepção da fase adolescente dos filhos como algo crítico, bem como na substituição do papel conjugal pelo parental. Entre os participantes, o diálogo entre os subsistemas conjugal e parental e a percepção das fronteiras se deu a partir de respostas automáticas – repetição ou rejeição a padrões pré-estabelecidos. Esses resultados apontam para a necessidade de maior exploração do tema, já que há uma interação entre os subsistemas conjugal e parental e a família de origem que influencia não só a vida dos filhos, mas também a vida dos pais enquanto cônjuges.

Palavras-chave: família, casal, conjugalidade, adolescência

ABSTRACT

In the systemic approach, the Family is considered an organized whole, which parts relates to each other as well as they are independent. Thus, this article has the general objective of analyze and discuss issues concerning to adolescents' children families, related to the conjugality process of the parents along with the children development, using as support the systemic approach to family analysis and keys concepts such as intergenerationality, boundaries and differentiation. As specific objectives, identify and describe the interaction and influence of families of origin of the partners on dealing with marital and parental matters; Analyze the relation of marital and parental subsystems involved in the transition to adolescence; to discuss the repercussions of the firstborn child adolescence on the marital relation of the parents. The study meets the requirements for research with humans and only after obtaining the approval of the ethics committee on research, were selected and interviewed four couples living in the city of Salvador, with firstborn sons adolescents based on semi-structured genogram and in order to reconstitute the family history, their patterns and relational processes. The couples were selected based on the following inclusion criteria: first marriage, the couple's eldest son has between 12 and 17 years of age, partners with college degree. The results show that couples with lower degree of differentiation of self from their family of origin tend to super or sub scale conflicts arising from the transition from child to adolescent phase. Concerning to intergenerational and boundaries, it was found that the individual history of each partner with their respective family of origin, the agreements made and the roles assigned influence in how marital issues are conducted, resulting in the perception of the adolescent stage of children as something critical, as well as in replacing the conjugal for the parental role. Among the participants, the dialogue between marital and parental subsystems perception of boundaries arose from automatic responses - repetition or rejection of pre-established standards. These results point to the need for further exploration of the topic, since there is an interaction between marital and parental subsystems and family of origin influences not only the development of children, but also the relation of parents as partners.

Keywords: family, couples, marital, adolescence

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Esquema ilustrativo das etapas de análise qualitativa.....	32
Quadro 2 – Genograma do casal 1	35
Quadro 3 - Genograma do casal 2.....	38
Quadro 4 - Genograma do casal 3	42
Quadro 5 - Genograma do casal 4.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fundamentação teórico-conceitual da investigação.....	19
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de geografia e Estatística
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Pressupostos teóricos dos sistemas familiares	13
2.2. Casamento: construção e estabelecimento de padrões conjugais	20
2.3. Conjugalidade e Parentalidade: Família com filhos adolescentes	24
3. MÉTODO.....	28
3.1 Local e Coleta de dados	28
3.2 Participantes	28
3.3 Instrumentos e Coleta	28
3.4 Procedimentos	29
3.5 Questões éticas	29
4. ANÁLISE DE DADOS.....	30
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
5.1 Histórias dos casais entrevistados	33
5.2 Análises por categorias.....	47
5.2.1 Significado e motivações para o casamento e escolha do cônjuge	47
5.2.2 Relação entre conjugalidade e parentalidade	50
5.2.3 Significado da adolescência para a parentalidade e conjugalidade.....	54
5.2.4 Transmissão geracional e relações com a família de origem	57
6. CONCLUSÕES.....	62
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICES E ANEXOS	70

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo reflete acerca das transformações vivenciadas pelo casal que possui filhos adolescentes. Interessa analisar aspectos em mudança na dinâmica da conjugalidade e as nuances desse subsistema enquanto interage com o subsistema parental em transição durante a adolescência do filho primogênito. Na adolescência, a busca pela independência se alia à necessidade de proteção e afeto de modo a modificar os papéis exercidos pelo adolescente no contexto familiar, podendo trazer repercussões para a relação conjugal dos pais que se percebem em uma situação de mudança em que os acordos e negociações precisam, em geral, ser repensados, ou, pelo menos, discutidos.

A família, então, muda de fase no ciclo de vida e com tal mudança podem surgir problemas em sua dinâmica como a simbiose, conflitos e até mesmo o divórcio. Carter e McGoldrick (2007) trazem como característica desta etapa do ciclo de vida familiar uma nova estruturação do sistema, com renegociações das regras e normas discutidas e estabelecidas em fases anteriores, além da possibilidade de reestabelecimento de vínculos com os pais e a família de origem. Mesmo considerando os limites do conceito de ciclo de vida familiar em vista de seu caráter descritivo e linear, faz-se importante considerar que a fase do ciclo vital em que os integrantes da família se encontram, tende a interferir na dinâmica desta, como identificado por Cerveny e Berthoud (2009). Em pesquisa feita em 2004 com famílias paulistanas na fase chamada de adolescente, a autora constatou que os pais também tendem a adolecer por conta da nova configuração de papéis. Confirmando essa tendência, os dados do IBGE (2010) mostram:

Na avaliação dos divórcios por tipo de família, constatou-se crescimento da proporção das dissoluções cujos casais não tinham filhos, passando de 30,0% em 2000 para 40,3%, em 2010. Esta tendência foi observada também entre os casais que tinham somente filhos maiores. Neste caso, a evolução foi de 13,3% para 22,3%, nos respectivos anos. Houve redução relativa dos divórcios cujos casais tinham somente filhos menores (de 52,1% para 31,6%) (p. 45).

Esses dados demonstram a pertinência do tema ao permitir uma reflexão sobre os desafios que envolvem a parentalidade de filhos adolescentes e a possibilidade de que os conflitos decorrentes dessa transição interfiram nas relações do casal parental.

No Brasil, este tema tem sido objeto de investigação por pesquisadores como Terezinha Feres-Carneiro, Ceneide Cerveny e Adriana Wagner que desde a década de 1980 analisam os processos de conjugalidade e divórcio. As pesquisadoras enfatizam os processos de mudança no casal, seu impacto sobre a diferenciação e indiferenciação entre cônjuges e papéis parentais, apontando a demanda por uma reflexão mais consistente acerca das transformações da adolescência para a família como um todo. Ainda que tradicionalmente a literatura indique o nascimento do primeiro filho como evento disruptivo que mais frequentemente resulta em divórcio, sabe-se que após as grandes transições do ciclo evolutivo, os casais devem renegociar os pactos tácitos e explícitos, dado que justifica a presente investigação.

Já na Europa, por exemplo, estudos conduzidos pelo grupo de pesquisa liderado por Eugenia Scabini e Giovanna Rossi (desde os anos 1990) acabam por privilegiar as relações parentais quando se referem à adolescência e satisfação familiar. Pesquisas entre 1999 e 2006 enfatizam a importância da comunicação para as relações entre pais e filhos, mas acabam dando pouco destaque para o sistema conjugal.

Nos Estados Unidos, o grupo de Kelleen Kaye Norc estuda sobre como do casamento e as práticas parentais repercutem no desenvolvimento dos filhos adolescentes. Pesquisas realizadas a partir de 2005 concluem que a maneira como os pais conduzem não só a educação dos filhos, mas também seus próprios conflitos conjugais influenciam nas escolhas dos adolescentes para o casamento, religião, além de impactarem também no desempenho escolar dos mesmos.

Apesar de todos esses estudos, existe uma demanda por trabalhos e pesquisas que considerem na perspectiva sistêmica, as relações de proximidade, já que a grande maioria das publicações usa a Psicanálise como referência para discutir as questões da adolescência e conjugalidade. Mesmo aqueles que utilizam a perspectiva sistêmica fazem recortes que relacionam às necessidades dos filhos adolescentes ou a conflitos conjugais decorrentes de questões unicamente individuais, excluindo o pensamento sistêmico intergeracional, por exemplo.

Esta lacuna direciona as políticas públicas e os programas de assistência, valorizando a identificação da entidade responsável em casos de violência sexual, por exemplo, na qual só o agressor ou a vítima é ouvida ou recebe algum tipo de tratamento. Tais programas demoram a perceber o quanto a dinâmica familiar e não apenas um

conjunto de pessoas pode interferir no comportamento e na atitude violenta, por exemplo. Programas de atendimento à família acabam por não contemplar de modo integrado as vozes de filhos, pais e avós, o que não se alia a ideia de família como eixo relacional e estruturante. Lidar com demandas de saúde, sociais e de políticas públicas implica em entender as relações de poder e os papéis dos membros no sistema familiar e tais informações não podem ser acessadas exclusivamente pelo discurso individual do sujeito em atendimento.

Este projeto de investigação, portanto, foi elaborado a partir de demandas de natureza social e teórica que evidenciam uma lacuna na compreensão das relações conjugais. Seu **objetivo geral** é analisar conjugalidade entre famílias nucleares intactas nas quais o/a filho/a primogênito/a encontra-se na adolescência, a fim de identificar e descrever mudanças nas relações do casal parental. Como **objetivos específicos**:

- Identificar e descrever a interação e influência da família de origem dos cônjuges na condução das questões conjugais e parentais;
- Analisar a relação entre os subsistemas parental e conjugal envolvidos na transição para a adolescência;
- Discutir a repercussão da adolescência do filho primogênito sobre a conjugalidade dos pais.

Para tanto, é importante contextualizar os conceitos de família, adolescência, parentalidade e conjugalidade na contemporaneidade usando como suporte a teoria sistêmica.

Faz-se necessário, então, apresentar e organizar conceitos da teoria sistêmica, destacando os pressupostos e contribuições das formulações de Minuchin e Bowen, bem como contextualizar os conceitos envolvidos no processo de conjugalidade, como a escolha do cônjuge, o significado do casamento, as motivações para a conjugalidade e as possíveis implicações da família de origem nessas temáticas. Em outro momento, serão discutidas as propostas de Carter e McGoldrick e Cervený sobre ciclo de vida familiar, destacando os significados de uma família com filhos adolescentes, bem como as características mais importantes desta etapa do ciclo vital do indivíduo e do próprio sistema familiar.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DOS SISTEMAS FAMILIARES

A concepção de família como base de sustentação e forte influência no comportamento dos sujeitos resiste ao tempo e às transformações decorrentes da modernidade. A família pode ser entendida como a primeira mediadora entre o homem e a cultura, sofrendo influências históricas, culturais e econômicas e desempenhando papéis que circundam a afetividade, o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem (BELLO, 2007).

A família, portanto, não é a união de partes iguais, homogêneas. Apesar de ser entendida como uma unidade, vai além da soma das partes. A esta consideração dá-se o nome *não somatividade ou impossibilidade de soma*, primeiro conceito fundamental da teoria sistêmica. (PAYÁ; SANTOS, 2011).

É um universo de relações diferenciadas nas quais as mudanças implicam em alterações inclusive no âmbito individual. É uma relação social, um vínculo que se estabelece de forma recíproca que implica intersubjetividade e conexões estruturais. Passa a se desconstruir como instituição e a se consolidar como espaço relacional. (SINGLY, 2000).

Tais relações se referem, dentre entre aspectos, ao poder. Os papéis definidos no contexto familiar são baseados em relações de poder, o que corrobora com a própria definição da palavra família, que advém do verbete em latim *famulus*, denotando relações entre servo e senhor. (OSÓRIO, 1996). Seja pelo poder, consaguinidade ou afeto, os familiares fazem parte de um sistema vivo que sofre influências do meio externo, mas principalmente das modificações percebidas no próprio ambiente familiar.

Dentro desse panorama, a teoria do ciclo de vida familiar de Carter e McGoldrick (1995), identifica e descreve as modificações sofridas pela família ao longo do que as autoras chamam de estágios. Por menos fixas que tais transformações sejam, não se pode negligenciar o fato de que a família altera a sua dinâmica a partir de novos eventos, sejam estes momentos de crise ou a chegada de um novo membro. Os cinco estágios sugeridos foram resultado de pesquisas realizadas no final do século XX com famílias americanas, a saber: Lançamento do jovem solteiro; O novo casal; Família

com filhos pequenos; Família com adolescentes; Lançando os filhos e seguindo em frente; Família no estágio tardio de vida.

Na primeira etapa, o foco é no filho jovem que está experienciando novas formas de relacionamento com seus pais, pois se percebe também como um adulto que precisa criar e dar conta das próprias regras. Já no segundo estágio, esse jovem se casa e esse um novo núcleo familiar é criado e é necessário um período de adaptação para essa nova realidade. Quando os filhos chegam e ainda estão pequenos, os membros da família precisam entrar em contato com os novos papéis assumidos sem desconsiderar os antigos. Chegando a adolescência dos filhos, novas regras de relacionamento precisam ser estabelecidas não só com enquanto pais, mas enquanto cônjuges e filhos também. Com a saída dos filhos, a família entra na quinta etapa, que tem como característica principal o renegociação da díade conjugal, uma nova configuração para este núcleo familiar. E por fim, o último estágio se refere a família com idosos, em que mais uma vez os papéis são mudados e quem era o cuidador, por exemplo, agora passa a ser o cuidado. (MCGOLDRICK, 1995).

No contexto brasileiro Berthoud (1997) propõe: “Podemos, portanto compreender o ciclo vital da família como etapas evolutivas do desenvolvimento da vida familiar, ou seja, fases que a família vivencia enquanto sistema, movendo-se através do tempo”. (p. 22) Existem quatro fases descritas a partir dos resultados de pesquisas e atendimentos a famílias paulistas entre 1980 e 1990: Aquisição, Adolescente, Madura e Última. A primeira é descrita como uma etapa em que a família se forma a partir do casamento e os seus membros adquirem novos papéis com a chegada dos filhos (equivalendo a segunda e terceira fases de Carter e McGoldrick). Na segunda fase, como sugere o próprio nome, a família e seus membros passam por um tipo de adolescência (de primeira ordem, no caso dos filhos, como fase do desenvolvimento humano e de segunda ordem, no caso dos pais, preocupando-se com o envelhecimento) e as regras e formas de relacionamento são questionadas pela chamada crise do meio da vida. A fase Madura é marcada pela independência de pais e filhos e a última etapa faz referência ao contexto da velhice dos pais e elaboração desse momento por parte dos filhos. (Berthoud, 1997)

Tanto o ciclo de vida familiar de Carter e McGoldrick quanto o ciclo vital da família de Berthoud e Cerveny não podem ser entendidos como etapas fixas, pois cada

família se comporta de uma maneira particular por conta de alguns aspectos dentre eles, a *configuração familiar*. Este conceito que tem sua origem na teoria sistêmica diz respeito a quem faz parte do núcleo familiar, refere-se a sua composição, seja por consanguinidade, afinidade ou parentesco. Além dos conceitos acima referidos, é importante ainda ressaltar os de estrutura e sistema familiar. *Estrutura familiar* é um conjunto de regras que regem uma determinada configuração, definindo o tipo de interação entre seus membros, enquanto o conceito de *sistema* refere-se à organização familiar, uma composição formada por pessoas vinculadas e que são regidas por normas e acordos. Tal organização é dividida em subsistemas: conjugal, parental e fraterno, reagrupamentos que coexistem e não podem ser negligenciados independentemente da fase ou etapa em que a família se encontre (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011).

A identidade familiar segundo a perspectiva estrutural é resultado da repetição de padrões de interação chamados de *padrões transacionais*. Estas repetições dão significado às estratégias utilizadas pelos membros da família para lidar com os estresses e são mantidas por dois sistemas de repressão – genérico e idiossincrático. O padrão genérico se refere às normas universais que organizam a família e o idiossincrático envolve as expectativas mútuas geradas ao longo do tempo entre os membros do sistema familiar. (MINUCHIN, 1982).

A maneira como as crises e particularidades familiares são conduzidas também dependem da maneira como as fronteiras estão dispostas. Minuchin (1982) descreve três tipos de fronteiras, que são barreiras invisíveis com a função de proteção e identidade do sistema familiar. Elas podem ser nítidas, rígidas ou difusas. Famílias com fronteiras nítidas têm as suas normas e acordos explícitos, permitindo uma interação equilibrada entre os membros dos subsistemas. Quando as fronteiras são rígidas, as famílias são classificadas como desligadas e caracterizam-se por uma interação distante e rigidez de papéis e normas. Já na família emaranhada, as fronteiras são difusas e os limites muito frágeis entre os subsistemas.

A teoria sistêmica, então, pauta-se na crença de que a unidade familiar trata sobre os sujeitos num movimento recíproco, no qual não há causalidade linear e sim uma perspectiva circular sobre os fenômenos que são vivenciados e significados de maneiras particulares, mas colaboram para a identidade do grupo, definindo o segundo pressuposto conceitual: *globalidade circular*. (PAYÁ, 2011).

Além dos dois conceitos citados, a teoria sistêmica em seu aporte teórico conta com outros três pressupostos no que se refere à dinâmica familiar. São eles: *feedback* ou retroalimentação, homeostase ou morfoestase e morfogênese. O *feedback* deve ser entendido como mecanismos utilizados pela família a fim de manter o seu funcionamento e organização. Quando tal processo é usado como mantenedor da estabilidade e protetor de qualquer mudança (processo homeostático), é chamado de *feedback* negativo. Contrapondo tal concepção, temos a morfogênese que sugere necessidade de mudança, um desejo de transformação mantido pelo *feedback* positivo. Apesar de forças opostas, é importante salientar que toda família precisa dos dois movimentos, já que, sendo um sistema aberto, está suscetível a influências externas, mas também mantém um padrão próprio de funcionamento, a chamada identidade familiar. (GRANDESSO, 2009).

A identidade familiar só pode ser entendida, contudo, a partir dos conceitos de proximidade e individualidade, que reafirmam que o sujeito é constituído por elementos seus, oriundos de sua própria construção individual e, ainda, por uma dinâmica de referência que pode ser percebida como repetição de padrões ou rejeição a eles. (NICHOLS, 2010)

Os conceitos acima citados advêm da Teoria dos Sistemas ou Intergeracional de Bowen e se referem a forças que impulsionam o sujeito. A individualidade o impulsiona a agir e refletir sobre suas ações sob a sua própria perspectiva, estimulando a autonomia, enquanto a proximidade proporciona o contato emocional com a família de origem através de sentimentos de apego e necessidade de aprovação. O equilíbrio entre tais forças resultaria na diferenciação do self, conceito central dessa abordagem. (NICHOLS, 2010)

Para Bowen (1991), a *diferenciação* seria a capacidade de reflexão e ação do sujeito considerando seu aporte individual, não rompendo emocionalmente com o seu legado familiar, resultando na diminuição das respostas automáticas causadoras da ansiedade familiar. Na tentativa de reduzir o padrão ansioso, as famílias tendem a se relacionar de maneira triangulada. *Os triângulos*, segundo Bowen (1991), são estruturas fixas de relacionamentos onde um terceiro elemento é usado para congelar o conflito ou diminuir o estresse entre a díade antes estabelecida. No vértice deste triângulo, quando

se trata de um casal, por exemplo, podem estar o filho, a sogra ou, até mesmo, o terapeuta.

A família, portanto, dispõe de forças emocionais para criar estratégias de enfrentamento e padrões relacionais mediante situações de ansiedade, que são agravadas proporcionalmente ao grau de indiferenciação dos membros em relação a sua família de origem. A estas forças e ao seu desenvolvimento, Bowen(1991) deu o nome de *processo emocional da família nuclear*. Dependendo da maneira como os padrões de relacionamento de cada membro do casal são desenvolvidos em relação à sua família de origem, é possível elencar quatro modelos adaptativos: distância emocional reativa entre os parceiros; conflito conjugal; disfunção física ou emocional de um dos membros do casal; projeção do problema em um ou mais filhos. (NICHOLS, 2010)

O próximo conceito discutido na teoria de Bowen diz respeito ao processo pelo qual a falta de diferenciação dos pais é transmitida para os filhos. *O processo de projeção familiar* se refere a um padrão de relacionamento em que os pais projetam suas dificuldades nos filhos. Tal projeção tem uma relação direta com a ordem de nascimento dos filhos. Esse pressuposto é a base do conceito chamado *de posição de nascimento dos irmãos*, que relaciona as expectativas criadas pelos pais à maneira como estes filhos respondem. Enquanto irmãos, podem se comportar como rivais, sendo o primogênito aquele que assume o papel de autoridade e o filho seguinte aquele que se coloca na posição de oprimido, passando a aceitar as demandas do mais velho a fim de se sentir aceito. (NICHOLS, 2010).

O processo de transmissão multigeracional é referido por Bowen como a possibilidade de se transmitir a ansiedade entre as gerações, de maneira que a cada geração o filho que mais avança no processo de diferenciação tende a transmitir tal condição para a geração seguinte. Isso significa, portanto, que o nível de ansiedade e indiferenciação pode tanto aumentar quanto diminuir dentro dos arranjos familiares. (ELKAIM, 1998).

Todos os conceitos citados fazem parte do aporte teórico para compreender a família a partir de uma relação intergeracional. Sob tal perspectiva, a família, além de ser responsável pelo primeiro contato do sujeito com normas e condutas sociais, também é responsável pela transmissão de valores que vão além da família nuclear.

Crenças e convenções são transmitidas por gerações anteriores. (BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012).

Os significados tendem a ser transmitidos geracionalmente através dos mitos, que mantêm a homeostase no sistema familiar (KROM, 2000). Esses mitos ou padrões podem ser percebidos ao estudar e analisar o genograma (ANEXO A), instrumento que permite visualizar não só a configuração e estrutura familiar, mas também os tipos de relacionamento e as repetições, ilustradas graficamente por símbolos convencionais para terapeutas, médicos e outros profissionais que trabalham na área de saúde da família. Esta ferramenta gráfica tem, portanto, a função de expor para o profissional e o seu público de que maneira pelo menos três gerações se comportam enquanto sistema. (MCGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012) “O genograma como instrumento oferece ainda muitos desafios em sua utilização, e cada vez que fazemos uso dele, estamos aprendendo algo mais sobre as pessoas e também sobre o próprio genograma e suas possibilidades”. (CERVENY; FORTES; PRADO, 2008, p.131).

Tais conceitos, então, destacam a pertinência em se estudar as gerações para melhor entender a dinâmica do sujeito, já que este é construído não só a partir da sua própria experiência individual, mas a partir da convivência e significados compartilhados no sistema familiar. A relação entre agentes e reagentes ao mito, entre desejo de estabilidade e mudança, se relacionam a uma memória de família que ajuda a compreender o nível psicológico individual e relacional familiar. (BUCHER-MALUSCHKE, 2008) Esta memória está diretamente relacionada à conjugalidade, a escolha do parceiro e as referências à família de origem.

Tabela 1. Fundamentação teórico-conceitual da investigação

Conceito	Definição	Teoria De Referência
Diferenciação do <i>self</i>	Conceito que faz referência ao nível de fusão emocional de um indivíduo com o outro ou com a unidade familiar. É, enquanto instância intrapsíquica, a capacidade de equilibrar a proximidade e a individualidade.	Abordagem familiar sistêmica intergeracional de Murray Bowen.
Estrutura familiar	Organização padronizada de exigências na qual os membros da família interagem.	Teoria Estrutural de Salvador Minuchin.
Fronteiras	Regras estipuladas a fim de determinar as funções específicas de cada subsistema familiar, tendo por função proteger a autonomia da família. Podem ser nítidas, rígidas ou difusas.	Teoria Estrutural de Salvador Minuchin
Individualidade	Força que incita a autonomia do sujeito, impulsionando-o a se desenvolver como emocionalmente independente.	Abordagem familiar sistêmica intergeracional de Murray Bowen.
Padrões transacionais	Reguladores do comportamento dos membros da família, mantendo-se a partir dos sistemas de repressão genérico e idiossincrático.	Teoria Estrutural de Salvador Minuchin
Posição entre os irmãos	Conceito centrado na relação direta entre o desenvolvimento da personalidade dos filhos e a sua posição de nascimento no subsistema fraternal.	Abordagem familiar sistêmica intergeracional de Murray Bowen.
Processo de projeção familiar	Processo no qual os pais transmitem seu nível de diferenciação aos filhos, caracterizando uma influência importante na adaptação emocional dos indivíduos.	Abordagem familiar sistêmica intergeracional de Murray Bowen.
Processo de transmissão multigeracional	Conceito que expande a influência emocional da família nuclear para uma perspectiva multigeracional, incluindo a família de origem e padrões representados em outras gerações.	Abordagem familiar sistêmica intergeracional de Murray Bowen.
Processo emocional da família nuclear	Refere-se aos processos desenvolvidos nos subsistemas conjugal parental e fraternal, sendo entendido como forças emocionais que atuam na família nuclear ao longo do seu desenvolvimento	Abordagem familiar sistêmica intergeracional de Murray Bowen.
Proximidade	Força propulsora da união familiar, impulsionando o indivíduo a manter-se ligado emocionalmente à sua família.	Abordagem familiar sistêmica intergeracional de Murray Bowen.
Triângulos	Configuração emocional composta por três pessoas, envolvendo um par e um terceiro elemento. Pode ser entendido como uma estrutura de relacionamento pra lidar com a ansiedade.	Abordagem familiar sistêmica intergeracional de Murray Bowen./ Teoria Estrutural de Salvador Minuchin.

3. CASAMENTO: CONSTRUÇÃO E ESTABELECIMENTO DE PADRÕES CONJUGAIS

O casamento constituiu-se ao longo das décadas como base formadora da família, o que mobilizou muitos estudiosos a esclarecer o seu papel e transcorrer sobre seu significado, suas funcionalidades e disfunções. Do ponto de vista dos *partners*, optar pelo casamento implica em decisões e concessões que resultam num projeto de vida em comum, constituindo vínculos de pertença, sendo o casal maior que apenas um conjunto de reações e necessidades biológicas e culturais. (PETRINI, 2004)

O casamento dinamiza uma importante discussão sobre a relação, muitas vezes conflituosa, entre individualidade e conjugalidade. (FÉRES-CARNEIRO, 1998) Sendo esta última a capacidade de se perceber enquanto dois, mas sentir como um. O processo de conjugalidade, portanto, permite ao casal compartilhar experiências, desejos, sentimentos e projetos referentes à relação a dois. Nesse âmbito, os indivíduos se percebem enquanto conjunto e podem se conscientizar sobre a interdependência embutida no casamento ao passo que metabolizam suas subjetividades. (CERVENY, 2007)

Estar numa relação, então, requer a consciência de que fatos individuais contribuem, mas estão aliados a um processo de proximidade, ou seja, a história individual dos cônjuges é importante, mas ela se transforma a partir da relação conjugal.

Ao pensar nos aspectos individuais, o cônjuge reflete sobre as motivações para o casamento e tal questionamento é o ponto de partida para a compreensão e a formulação de estratégias educativas para a conjugalidade. “As motivações para a conjugalidade são muitas vezes contraditórias e ambivalentes, caracterizando-se tanto pelo desejo de construir novos padrões relacionais quanto pelo retorno aos sólidos padrões tradicionais”. (MAGALHÃES; NETO; STREY, 2011, p.52)

Em estudo realizado em São Paulo com 10 casais foi percebido que as motivações na escolha do cônjuge estão relacionadas com o nível de diferenciação dos cônjuges em relação às suas famílias de origem. Essas influências agem como inibidoras ou facilitadoras na formação e manutenção do casal. (MUNHOZ, 2008)

Pesquisadores da teoria sistêmica enfatizam a importância de uma análise intergeracional para entender tais motivações, bem como a investigação sobre os padrões relacionais com a família de origem para investigar a função de tal escolha para o desenvolvimento dos cônjuges. (MINUCHIN, 1982; BOWEN, 1991; ANDOLFI, 1993; ANGELO, 1993)

A escolha pelo casamento e pelo cônjuge, portanto, envolve aspectos que são trazidos pelas necessidades dos sujeitos, mas não de maneira isolada, pois estes sofrem influência das suas relações com as gerações anteriores. Por este motivo, não se pensa na construção da conjugalidade com um sistema duplo, mas como um conjunto formado por três elementos: um cônjuge, o outro cônjuge e o casamento. Sendo que cada parceiro traz consigo as expectativas, ansiedades e estresses das suas respectivas famílias de origem.

O casamento não é estático, possuindo um ciclo vital próprio composto por etapas que definem os tipos de conflito enfrentados pelos cônjuges. A partir da sua experiência como terapeuta, Campbell (1994) escreveu um roteiro sobre o percurso feito pelos cônjuges durante o casamento delimitando cinco estágios: Romance, Disputa pelo poder, Estabilidade, Compromisso e Co-criação.

Na etapa do romance, a característica mais marcante é a necessidade de complementaridade, a chamada ilusão da unidade que não permite que os cônjuges percebam as suas diferenças criando laços de dependência do outro. Quando as diferenças são reconhecidas, há um estranhamento e o casal segue para o estágio da disputa pelo poder. Neste momento, há uma desilusão da desunião e os cônjuges passam a disputar entre si a liderança do relacionamento, culpando o parceiro pela sua decepção. Após essa fase de confronto, o casal tende a experimentar a aceitação das diferenças, movendo-se para a terceira etapa.

Durante a etapa chamada estabilidade, os cônjuges percebem que nem todas as suas necessidades serão satisfeitas, podendo, contudo, gerar uma falsa sensação de equilíbrio e resistência a mudanças. Na quarta etapa há um processo de conscientização sobre as falhas não só do cônjuge, mas em relação ao próprio casamento. Os cônjuges tendem a abandonar a missão de remodelamento do outro e passam a criar estratégias para lidar com as dificuldades e momentos paradoxais inerentes ao relacionamento. Deve haver, contudo, uma preocupação para que não ocorra um isolamento desse casal,

que se sente tão comprometido que acaba por desconsiderar as influências externas, como amigos e família de origem.

No estágio da co-criação, o casal se desprende da visão autocentrada permitindo que novas possibilidades de se relacionar surjam não só em seu próprio casamento, mas nas relações externas. Nesse momento, o casamento passa a ser responsável por projetos que contribuam para o mundo externo.

Breunlin, Schwartz e Mackune-Karre (2000) apud Macedo (2009) também dividiram o casamento em estágios, considerando, contudo, as relações de gênero. Segundo eles, o casal passa por cinco posições durante a vida conjugal. Tais posições são lineares quanto à sequencia, mas nem todos os casais conseguem trilhar todas elas: tradicional, consciente de gênero, polarizada, em transição e equilibrada.

Na posição *tradicional*, os cônjuges têm papéis bem distintos e complementares, não sendo permitida a inversão destes, podendo causar sobrecarga nos homens e depressão nas mulheres. Já na posição de *consciência do gênero*, o casal passa a reconhecer que há uma diferença entre os gêneros, surgindo o questionamento principalmente no que tange as tarefas. Esse questionamento é acompanhado pelo conformismo presente na posição anterior, que ainda se mantém, resultando num padrão oscilante de comportamento. Na posição *polarizada*, há um confronto persistente entre os gêneros, surgindo alianças e coalizões com a participação dos filhos caracterizando um sistema competitivo. Na posição denominada *transição* o casal começa a testar novos padrões de interação valorizando as características de cada gênero, conscientizando-se, portanto, que o desequilíbrio de papéis é importante para a dinâmica conjugal. Apesar desse processo de conscientização, o casal que se encontra nessa posição ainda precisa negociar os limites da sua relação considerando os padrões antigos e os novos. Ao conseguir vivenciar a mutualidade e estabelecer acordos baseados na simetria ou na complementaridade conforme a situação, o casal encontra-se na posição *equilibrada*.

Para que esse sistema seja considerado funcional, Jürg (2009) afirma que é necessário que haja desenvolvimento pessoal dos cônjuges. Tal desenvolvimento só é possível se as normas, papéis e funções forem discutidas a partir das necessidades individuais levando em consideração as particularidades do sistema conjugal, devendo manter o equilíbrio sem ser rígidas ou difusas.

O desenvolvimento da conjugalidade dita funcional se refere, portanto, a possibilidade dos cônjuges considerarem a sua relação como ferramenta de desenvolvimento pessoal, como instrumento de valorização das suas potencialidades. (MENGHI, 1993).

Ao se casar os cônjuges assumem mais um papel. Não deixam de ser filhos, netos ou irmãos, adicionam mais um contexto que necessita de regras e habilidades próprias. Para que as fronteiras entre esses subsistemas permaneçam nítidas, é necessário que haja flexibilização nas novas normas. É importante que os cônjuges construam um padrão de relacionamento que os proteja da interferência das exigências dos outros sistemas. (MINUCHIN, 1982). Dessa maneira, pode-se fazer uma relação a flexibilidade trazida pela teoria estrutural e a extinção das respostas automáticas de Bowen. Haja visto que a segunda se baseia no fato da família nuclear estabelecer padrões emocionais diferenciados, contribuindo para a diminuição da ansiedade. (BOWEN, 1991)

Portanto, quanto mais eventos e elementos de conflitos os cônjuges apresentarem com seus próprios pais mais as repetições de padrões tenderão a direcionar a escolha do parceiro. Nessa perspectiva entende-se que a conjugalidade vai além de duas pessoas, está ligada a uma estrutura triangular, na qual no último vértice estão os elementos dos relacionamentos anteriores e atuais. (ANGELO, 1993)

Essas triangulações, então, são importantes na investigação não só das motivações para a conjugalidade, mas para a manutenção dos laços e necessidade de criação de novos, seja com o próprio cônjuge, filhos ou terceiros.

Embutidos na soma entre os cônjuges estão também os filhos que fazem parte do contexto de vínculo recíproco de pertença e contribuem (positivamente ou não) para o processo de vinculação, seja esta diferenciada ou não, conforme afirma. (KROM, 2000)

4. CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE: FAMÍLIA COM FILHOS ADOLESCENTES

A família na visão sistêmica é considerada um todo organizado cujas partes não só se relacionam, mas se interdependem. Não são apenas indivíduos que convivem, são *eus* que se relacionam (MACEDO, 1994). Com a chegada dos filhos, outros membros começam a fazer parte desse sistema interdependente e o subsistema conjugal precisa começar a se diferenciar para dar suporte às demandas da criança que acabou de chegar. (MINUCHIN, 1982).

A chegada do primeiro filho implica em mudanças em todo o sistema, é uma *transição-chave* no ciclo de vida familiar, pois nesse momento nascem pais, tios e avós e as normas e regras acabam sendo revistas. É uma fase em que há um realinhamento dos relacionamentos da família nuclear com a família de origem para que todos esses novos papéis sejam incorporados e as tarefas bem delimitadas. (MCGOLDRICK, 1995)

Ainda na perspectiva do ciclo de vida familiar, a chegada dos filhos representa a transição da família da fase de aquisição para a fase adolescente. O terceiro fenômeno da fase de aquisição – vivendo a parentalidade- inicia como desejo de ter filhos ou com a gravidez propriamente dita e traz consigo vivências conflituosas por conta da ambivalência de sentimentos presente nessa etapa. Ao mesmo tempo em que se sentem maduros para serem pais, os cônjuges experimentam o ciúme do novo membro, as inseguranças quanto à educação e a dificuldade em dar atenção ao subsistema conjugal. (BERTHOUD, 1997)

Para Pittman (1994), a fase da chegada dos filhos é considerada com uma etapa de muitos conflitos, pois o casamento costuma ficar marcado pela polaridade. A sociedade cobra que os pais amadureçam nesta fase e isto muitas vezes significa deixar de dar atenção a coisas mais leves e focar nas tarefas relacionadas aos novos papéis a serem desempenhados por eles. Essa cobrança pode levar os cônjuges a deixarem de dar atenção ao casamento e se concentrar apenas na parentalidade. Isso não necessariamente acontece com os dois parceiros da mesma maneira. A mulher tende a se dedicar mais e mais cedo a tarefa da maternidade e muitas vezes acaba por desenvolver depressão ou ansiedade, enquanto os homens começam a se preocupar mais com o sustento e com as renúncias que este estado exige.(FALCETO;WALDEMAR, 2009).

Muitos casais acabam por negligenciar as questões conjugais em nome da parentalidade, naturalizando a substituição dos papéis de marido e esposa por pai e mãe. A conjugalidade e parentalidade, contudo, são instâncias muito importantes para a constituição do sistema familiar e precisam ser consideradas como interdependentes e não opostas. (MAGALHÃES; FERRES-CARNEIRO, 2011).

Nos casos em que o subsistema conjugal está desestruturado por questões concernentes à família de origem ou apenas a aspectos das próprias normas e regras definidas pelos cônjuges, percebe-se que tal estresse pode ser estendido para o subsistema parental. Essa transmissão, descrita por Bowen(1991) como processo de projeção familiar, pode ser entendida também como *spillover*. Esse conceito que se refere ao transbordamento de tensões entre instâncias do sistema familiar, uma transferência de padrões relacionais para outros relacionamentos. Dessa maneira, se cônjuges mantém um relacionamento conflituoso, a relação com os filhos tenderá ao conflito e a tensão. (GERARD; KRISHNAKUMAR; BUHELER, 2006).

Para que a construção da parentalidade não se configure como uma extensão da conjugalidade, é necessário que os cônjuges percebam que um novo subsistema foi criado, sendo necessário desenhar novas fronteiras para que os filhos mantenham o contato com os pais sem permitir que eles interfiram na função conjugal ou que as tensões conjugais tragam influências na relação pais-filhos. (MINUCHIN, 1982). Para tanto, os pais-cônjuges precisam perceber que a parentalidade traz consigo exigências que não são estáticas.

O processo parental muda a partir das demandas dos filhos que, à medida que se desenvolvem apresentam novas necessidades. Na família com filhos pequenos a mudança na rotina do casal, bem como as preocupações quanto às tarefas de cuidado são evidentes. O casal se depara com a tarefa de aliar a esfera doméstica à profissional, considerando todas as demandas do filho pequeno. (BRADT, 1995).

Na fase da adolescência dos filhos uma das questões centrais para a parentalidade é a autonomia e independência. As demandas que antes se pautavam em questões nutricionais, agora estão voltadas para o controle e a imposição de regras que nem sempre tem o mesmo sentido para pais e filhos. (MINUCHIN, 1982)

Os adolescentes vivenciam uma ruptura com a infância e isso repercute não só na sua formação, mas também na sua relação com os pais, que muitas vezes os percebem como um objeto de sua propriedade. Nesta fase, portanto, é percebida certa ignorância no relacionamento pais-filhos, pois nem os adolescentes compreendem a posição dos pais- que ainda não se adaptaram a nova condição dos filhos- nem os pais se percebem nessa transição não conseguindo se comunicar com os filhos. (STENGEL, 2011). A concepção de vida adulta e juventude para os pais e filhos nessa fase se tornam individualistas e expressam suas necessidades e expectativas de cada geração, podendo, inclusive alterar a comunicação entre elas. (SCABINI, 2007).

O aparecimento de novas gerações é contínuo e permite à família incorporar as mudanças no seu sistema de comportamento. A adolescência exige da família e de seus membros uma mudança não só na estrutura, mas na concepção dos papéis e envolve nesse processo pelo menos três gerações de parentes. (BALANDIER 1976).

A ignorância presente na relação entre pais e filhos adolescente tende a repercutir também na família de origem, havendo um envolvimento trigeracional. O adolescente divide com seus familiares uma reedição de sentimentos e necessidades que transformam não só a identidade dos mesmos, mas dos pais que irão se deparar com questões de papéis, frustrações e limites. (JORDÃO, 2008)

Estabelecer o vínculo entre gerações implica em enfrentar a relação direta de responsabilidade entre precedentes e sucessores, refletindo, portanto, sobre aquilo que conecta o passado, presente e futuro (SCABINI, 2007). A adolescência dos filhos, então, pode iniciar um ciclo de conflitos no contexto familiar. Tais conflitos permeiam a disputa e a diminuição de convívio, sendo regados à angústia intensa dos pais, seja por conta de suas próprias inseguranças ou por evitar suas lembranças adolescentes. (PRATTA; SANTOS, 2007).

A comunicação e a relação podem sofrer modificações relevantes visto, principalmente, o contato que os pais fazem consigo mesmos nessa fase. Refletem sobre a sua adolescência e sobre a sua vida hoje, com as possíveis mazelas da idade, do casamento, da frustração dos sonhos profissionais e, ao mesmo tempo, experimentam a perda de seus filhos como crianças, sentindo-se frágeis e confusos num momento em que os filhos necessitam de segurança. A família se abre para receber os adolescentes que trazem consigo novos valores ao contexto familiar. (PRETO, 1995). Nesse

momento, os membros podem estar fechados à novidade, sentindo-se ameaçados, o que pode gerar frustração e, muitas vezes, revolta.

Os pais, avós, tios e irmãos, enquanto tentam responder às demandas do adolescente que permeiam a autonomia e apoio, podem entrar em contato com suas próprias necessidades, o que tende a gerar demandas conflitantes, corroborando a ideia de que a relação entre autoridade e independência se revela como um ponto central dessa etapa do ciclo de vida familiar. (MINUCHIIN, 1982).

Para evitar os conflitos muitas famílias optam pela permissividade, retirando o lugar da autoridade no subsistema parental através de um contrato intergeracional que se baseia na equidade entre as gerações negando a importância da obediência nas relações parentais. Esse modelo é percebido principalmente em pais que foram criados nos moldes tradicionais de autoridade, reiterando a importância da relação com família de origem na condução das ansiedades familiares. (STENGEL, 2011).

Ao manter as respostas automáticas baseadas em vivências anteriores com a família de origem, os cônjuges aumentam a probabilidade de conflitos, pois não encontram um mecanismo próprio de enfrentamento, o que tende a gerar mais conflitos e aumentar a tensão no subsistema conjugal. O casal pode diminuir o contato físico, não apresentando um espaço para a intimidade, evidenciando mais uma vez a sobreposição da parentalidade. (PITTMAN, 1994)

Os conflitos característicos da fase adolescente acabam por se tornar supervalorizados caracterizando o chamado reinado do filho adolescente, no qual o subsistema conjugal sucumbe em nome das demandas parentais. (CERVENY; BERTHOUD, 1997)

Na tentativa de extinguir a autoridade, os pais acabam por desenhar fronteiras difusas, não permitindo que o subsistema conjugal se mantenha protegido, dificultando a apresentação dos papéis e a realização das tarefas parentais. É necessário, então, que essas fronteiras sejam nítidas para que haja um desenvolvimento saudável do adolescente, bem como a manutenção do sistema conjugal.

4. METODO

4.1 LOCAL DA COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados junto a famílias de classe média residentes na cidade de Salvador, a partir de entrevistas semiestruturadas. Em Salvador, aproximadamente 48% dos domicílios são constituídos por casais com filhos, caracterizados por relações estáveis de cooperação e solidariedade entre os sexos e entre gerações (PNAD, 2010). Esta constituição familiar será privilegiada no estudo, uma vez que nela se encontram a experiência conjugal e o exercício da parentalidade.

4.2 PARTICIPANTES

Foram entrevistados quatro casais de classe média, com renda familiar acima de R\$5.000,00 com primogênitos entre 12 e 17 anos. Os participantes selecionados para o estudo foram indicados por acadêmicos do Programa de Mestrado e Doutorado da Ucsal.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Estar no primeiro casamento; possuir filho primogênito com idade entre 12 e 17 anos completos; possuir renda familiar acima de R\$5.000,00.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: Ter filho primogênito com idade inferior a 12 anos, superior a 17 anos, adulto ou fruto de relacionamentos conjugais anteriores. Casais que não coabitam. Casais separados ou divorciados; famílias com renda inferior a R\$5.000,00.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A entrevista foi realizada com base em um roteiro com temas que investigam a vida familiar, como a transição para a adolescência, seu impacto para a conjugalidade e parentalidade, a formação do casal e a família de origem (APÊNDICE B). O instrumento utilizado na entrevista, de caráter qualitativo, incentivou a produção de narrativas a fim de compor a história de vida de cada cônjuge. O roteiro de entrevista composto por 16 questões divididas a partir dos questionamentos descritos nos objetivos

específicos, permite aos entrevistados narrar suas histórias em ordem cronológica e fazer análises sobre suas relações anteriores e atuais.

O segundo instrumento de coleta de dados é o genograma (ANEXO A). Ele consiste na representação gráfica das relações intergeracionais a partir da qual o participante formula um discurso acerca das diversas interações e significados correlatos desde a família de origem até a família atual com base no roteiro de entrevista para construção do genograma (APÊNDICE A). Tal instrumento permite uma análise gráfica das relações geracionais auxiliando na construção da história familiar dos entrevistados.

4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Após submissão e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (ANEXO B), os casais foram contatados, apresentados aos objetivos da investigação e convidados a discutir e assinar o TCLE (APÊNDICE C). As entrevistas foram realizadas com cada cônjuge em separado, iniciando com a construção do genograma e seguindo para o roteiro de entrevista propriamente dito. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

4.5 QUESTÕES ÉTICAS

Os princípios éticos deste trabalho se baseiam na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos, respeitando todas as diretrizes desta resolução. Está assegurada a privacidade e a confidencialidade das informações obtidas pelos instrumentos de pesquisa (roteiro de entrevista e genograma), utilizado exclusivamente no presente estudo submetido e aprovado por *ad referendum* pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). A prioridade da ética no trato com as informações repercute na atuação da pesquisadora em campo, na atitude frente ao conteúdo revelado pelo casal durante a entrevista. Sua formação em psicologia possibilita identificar eventuais demandas por atendimento especializado e o encaminhamento do casal a profissionais da rede especializada. A identidade dos entrevistados foi preservada através do uso de pseudônimos.

4.6 ANÁLISE DE DADOS

A fim de discutir sobre as vivências e esmiuçar os significados das relações entre os membros que compõem o subsistema conjugal, a metodologia escolhida foi a análise qualitativa. Este método possibilita ao pesquisador entrar em contato com a qualidade dos dados, com a realidade construída pelo entrevistado de maneira a enriquecer o processo de pesquisa.

A pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado. Diversas abordagens teóricas e seus métodos caracterizam as discussões e a prática da pesquisa. Os pontos de vista subjetivos constituem um primeiro ponto de partida. Uma segunda corrente de pesquisa estuda a elaboração e o curso das interações, enquanto uma terceira busca reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas [...]. Essa variedade de abordagens é uma consequência das diferentes linhas de desenvolvimento na história da pesquisa qualitativa, cujas evoluções aconteceram, em parte, de forma paralela e, em parte, de forma sequencial. (FLICK,2009 p.25)

A pesquisa qualitativa, portanto, permite a análise de dados a partir da escuta de experiências e interações em seu contexto natural considerando os signos e fenômenos, qualificando a singularidade da realidade vivenciada, buscando uma compreensão particular do objeto estudado.

A questão da quantidade de participantes do estudo não é uma preocupação deste método. Isso ocorre devido ao fato de essas pesquisas não terem como objetivo estabelecer relações matemáticas e generalizações, mas interpretar as relações de significado dos fenômenos, conforme vivenciado pelas pessoas participantes do estudo. (DESSEN, 2009, p22)

Esse tipo de análise compreende duas etapas importantes: consciência dos tipos de dados que poderão ser encontrados e escolha de instrumentos de análise para acessá-los. A primeira fase diz respeito aos dados propriamente ditos, à maneira como os fatos serão contados e percebidos. A partir dessa consciência o pesquisador poderá escolher as ferramentas de análise e descrição dos dados coletados. (GIBBS,2009)

Flick (2009) define algumas motivações para pesquisadores optarem pela pesquisa qualitativa:

- Leva a sério o contexto e os casos para entender a questão em estudo. Uma grande quantidade de pesquisa qualitativa se baseia em estudos de caso ou uma

serie desses estudos e, com frequência, o caso(sua história e complexidade) é importante para entender o que está sendo estudado;

- Permite que o pesquisador entre em contato com experiências e interações em seu contexto real, considerando a singularidade do que é revelado. Dessa maneira, priva-se da criação de hipóteses e definição fechada de conceito, visto que esses são desenvolvidos e refinados no processo de pesquisa;
- Dá liberdade para que pesquisador avalie os métodos disponíveis e decida se são suficientes para a análise. Caso não sejam, é possível adaptá-los ou desenvolver novos;
- A presença do pesquisador, seja pela sua condição técnica ou pelo interesse nos dados, acaba por ser parte integrante da pesquisa;

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. (FLICK, 2009 p.23)

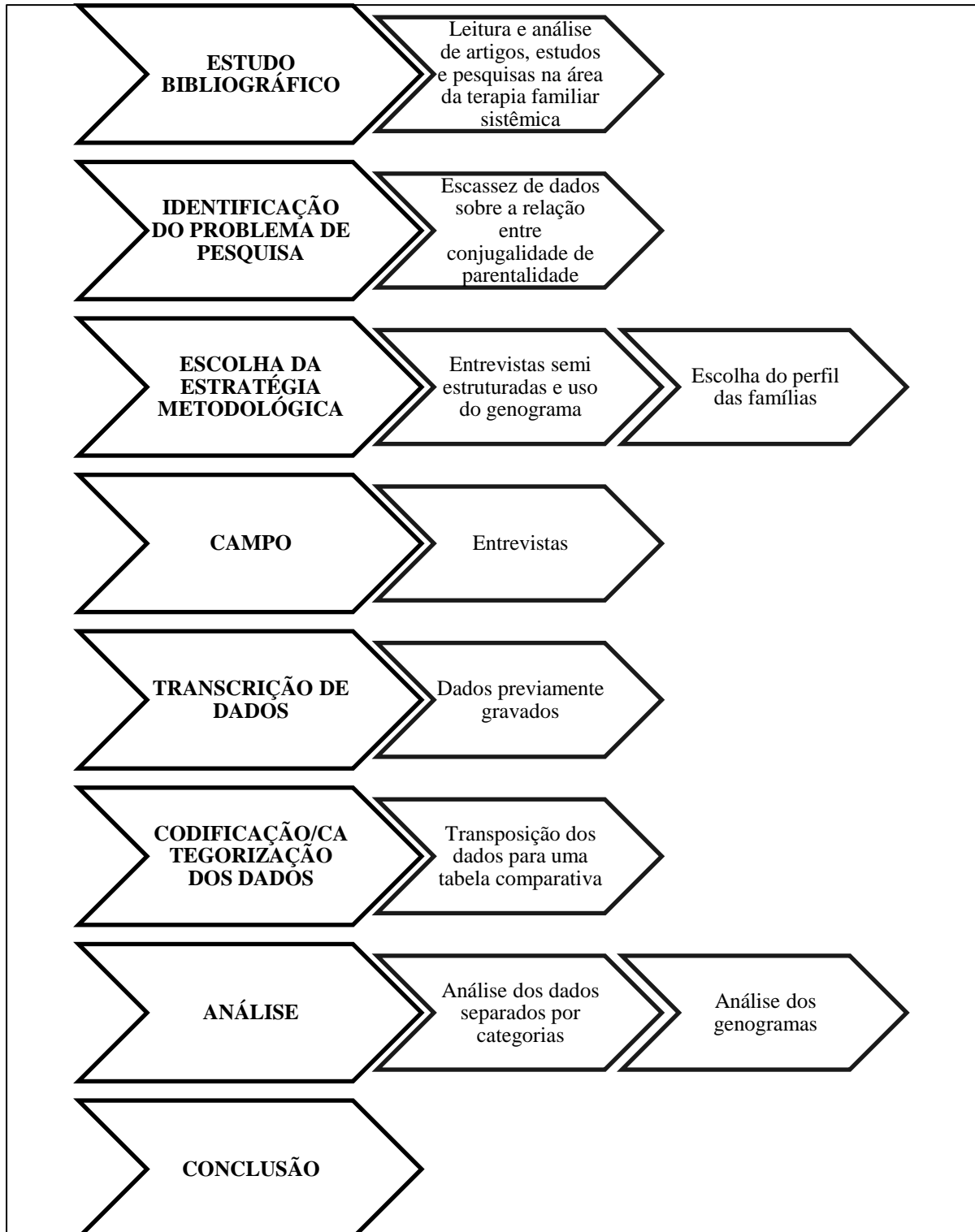
A análise qualitativa no campo da Psicologia considera os aspectos subjetivos do processo como um todo. Nesse caso, entende-se por subjetividade um sistema determinado-formado- por múltiplas variáveis mantendo-se em constante desenvolvimento de forma a privilegiar a flexibilidade como característica fundamental. (REY, 2002)

O sujeito, então, é resultado de sua história individual, seu contexto social e cultural, mediado por sua condição psíquica, que por sua vez, não é estática. A complexidade e versatilidade da subjetividade são percebidas a partir da possibilidade que o sujeito tem de ressignificar sua história individual e o contexto social a partir de seus conteúdos psíquicos.

A pesquisa qualitativa, portanto, prima em respeitar toda a construção subjetiva em seu contexto natural, privilegiando o movimento e o processo vivenciado pelo sujeito. Esse estudo, então, visa investigar a dinâmica familiar dos casais entrevistados de maneira a perceber a estrutura das famílias nuclear e de origem a partir das vivências experimentadas pelos cônjuges e suas próprias percepções da sua história de vida. Dando oportunidade, dessa maneira, aos entrevistados se perceberem enquanto membros do sistema familiar e ao pesquisador enquanto cientista de família de dar suporte caso haja necessidade.

O presente estudo seguiu as etapas descritas por FLICK(2009) conforme esquema abaixo:

Esquema ilustrativo das etapas da análise qualitativa - Quadro 1



Etapas de desenvolvimento da análise qualitativa (Flick,2009)

A análise do estudo desdobrou-se em dois passos. No primeiro, os dados coletados através do genograma foram organizados considerando as relações e os seus padrões atuais, analisados a partir de uma estratégia que inclui interpretação de narrativas e diagramas. É válido lembrar que o genograma foi construído pelo próprio entrevistador sem auxílio de nenhum aplicativo, pois o programa disponível não tratava com fidedignidade de todos os tipos de relação.

O segundo passo da análise consistiu na transcrição e leitura sistemática de cada entrevista e inserção das respostas em um quadro de análise a fim de ter um suporte para visualização das categorias. A análise foi dividida em dedução frequencial e categorias temáticas permitindo que os discursos ficassem organizados não só por casal entrevistado, mas pela frequência das respostas em todo o processo de coleta.

Isso implicou em identificar temas ordenadores subjacentes ao roteiro de entrevista e em explicitar tais categorias com base nas narrativas dos participantes. As entrevistas foram transcritas e divididas, primeiramente, por casal. Desta forma, foi possível entrar em contato com os discursos e a história da família entrevistada, de maneira a complementar discursos e perceber as lacunas de comunicação entre os cônjuges, respeitando a regra da homogeneidade.

Posteriormente, os relatos foram divididos por perguntas (APENDICE D) e as respostas mais semelhantes foram separadas em um painel para facilitar a visualização e frequência das respostas, o que permitiu adensar as categorias temáticas ao ponto de identificar quatro categorias, quais sejam: 1. Significado e motivações para o casamento e Escolha do cônjuge; 2. Relação entre conjugalidade e parentalidade; 3. Significado da adolescência para a parentalidade e conjugalidade; 4. Transmissão geracional.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo, os resultados são discutidos à luz do objetivo de investigar conjugalidade entre famílias nucleares intactas nas quais o/a filho/a primogênito/a encontra-se na adolescência, a fim de identificar e descrever mudanças nas relações do casal parental. Para tanto, utilizou-se como estratégia de apresentação da análise a reconstituição da história do casal, a apresentação do genograma e a discussão de conteúdos expressos nas narrativas dos participantes.

5.1 HISTÓRIAS DOS CASAIS ENTREVISTADOS

CASAL 1 – LUCIO E GABRIELA

Lucio, engenheiro paulista, 50 anos, casado com Gabriela, médica, 45 anos, desde 1989. Seu pai faleceu em 1975 e sua mãe mora em São Paulo sozinha e mantém um relacionamento positivo com ela, que vem visitá-lo periodicamente. Ele tem uma irmã mais velha que já foi casada e deste relacionamento teve quatro filhos. Hoje, já divorciada, casou-se novamente e mora em São Paulo com o marido e filhos do relacionamento anterior. Por morarem em cidades diferentes, os irmãos não são próximos e se veem esporadicamente.

Lucio afirma ter tido uma adolescência tranquila, apesar de seu pai já ter falecido e sua mãe, que era professora, precisar trabalhar os três turnos para o sustento da família.

Gabriela, médica paulista, 45 anos. Filha de pais divorciados tem três irmãos. A mais velha é artista plástica, divorciada e mora em São Paulo. O irmão do meio concluiu o ensino médio, é motoboy, casado e mora em Taubaté com a esposa. Já o irmão mais novo, adotivo, mora com a mãe.

Gabriela sempre manteve uma relação muito próxima com seu pai, que também é médico, afirmando nunca conseguir contrariá-lo. Já com sua mãe, que tem transtorno de personalidade bipolar, nunca manteve uma relação muito próxima, principalmente por conta das sucessivas crises e internações, caracterizando como uma lacuna nas suas lembranças os momentos com ela. Passou parte da infância num colégio interno também por causa da doença da mãe. Afirma ter passado por momentos de muita crise na adolescência e juventude por conta dos conflitos conjugais de seus pais e das

constantes discussões do pai com os irmãos. Seu pai já se relacionava com a atual esposa antes do divórcio com sua mãe e isso a deixava muito triste, mas como não conseguia contraria-lo, acabava aceitando e mediando a situação. O pai também tinha muitos problemas com os outros filhos, que não seguiram sua profissão, escolhendo áreas “alternativas” de atuação (termo usado pela própria entrevistada). O seu papel, portanto, era de mediadora dos conflitos.

Gabriela conheceu Lucio em Fortaleza durante uma viagem de férias com as amigas, mas só foram namorar em São Paulo. Ambos relatam que se interessaram um pelo outro por conta da conversa e por serem um pouco parecidos, além de estarem surpresos com a coincidência de estarem em outro Estado e conhecerem pessoas que morassem tão próximas. Decidiram se casar, pois estavam com uma situação financeira confortável, além de se amarem muito. O casamento aconteceu após quase três anos. Algumas semanas após o casamento os pais de Gabriela se divorciaram por desejo do pai que resolveu esperar o casamento da filha para pedir o divórcio e sair de casa.

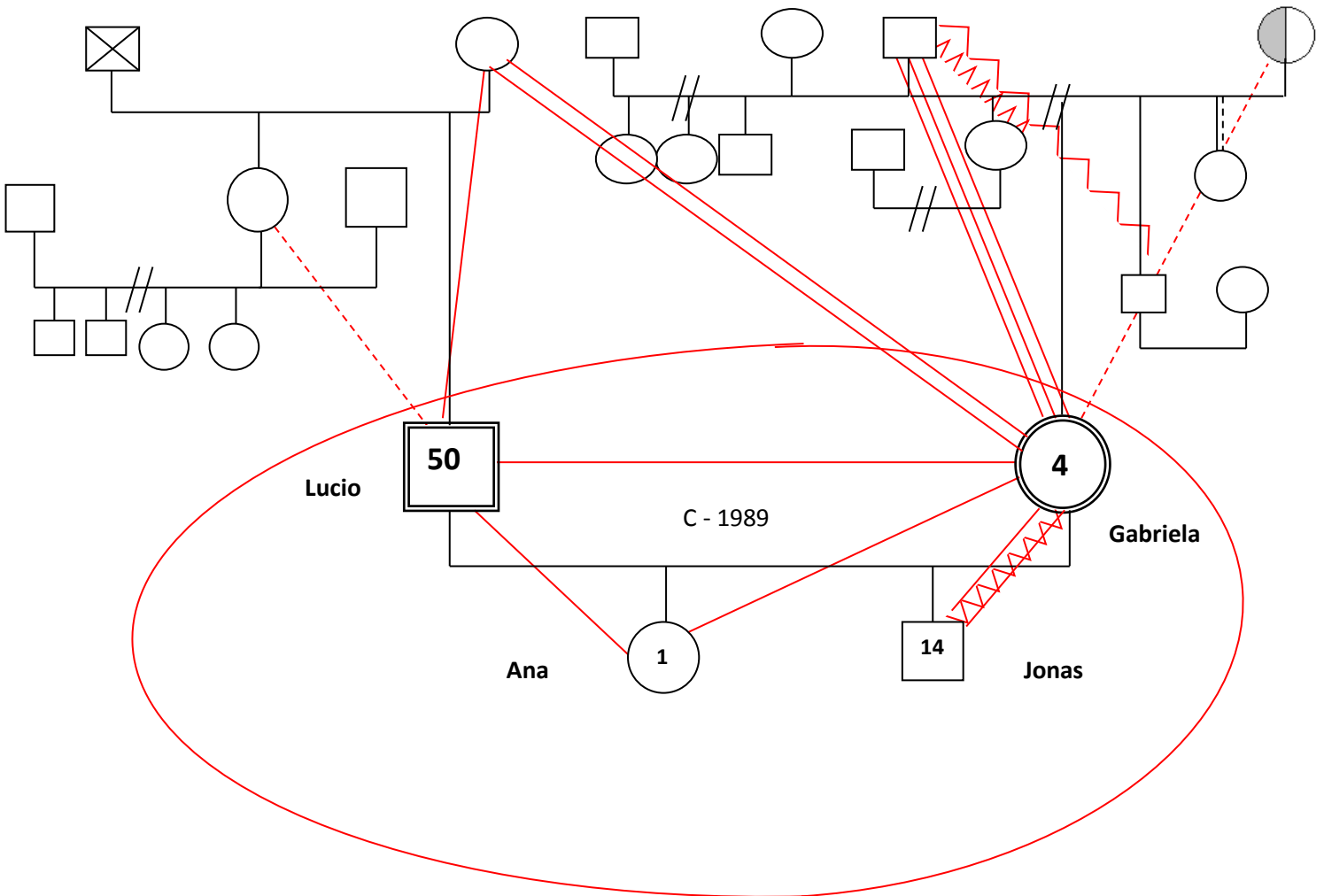
Moraram em São Paulo por pouco tempo. Quando o segundo filho nasceu foram morar nos EUA por conta do trabalho de Lucio e depois se mudaram para Salvador.

Após ser aprovada em um concurso, Gabriela passou um tempo morando em outras capitais do país, o que foi relatado por Lucio como um momento complicado do casamento, pois ficava sozinho com os filhos pequenos sem nenhum suporte, já que as famílias de origem são de outro Estado.

Gabriela afirma que mantém um excelente relacionamento com a sogra, que em muitos momentos substituiu a mãe, tanto na relação em si quanto no cuidado com os filhos/netos.

O casal afirma ter ótima relação com os filhos, que são bem diferentes. A mais velha, que tem 17 anos, é mais tímida, controlada e obediente, mantendo-se muito próxima de Gabriela, já o mais novo, de 14 anos, é mais rebelde, com espírito de liderança e acaba por ter alguns conflitos com a mãe, apesar de manter aproximação com o pai.

GENOGRAMA DO CASAL 01



CASAL 02 – VICENTE E MÁRCIA

Vicente, médico, 48 anos, casado há 22 anos com Márcia. O casal tem uma filha com 14 anos.

Vicente tem uma irmã mais velha, com 50 anos, e os pais ainda são vivos. O pai com 80 anos e a mãe com 78. São naturais de Belo Horizonte. Mantém uma relação um pouco distante dos pais por conta da distância entre as cidades e o fato dos pais já estarem mais velhos para se deslocarem com frequência. Para amenizar tal fato, procura viajar para Minas no Natal.

Vicente afirma ter tido uma infância normal, mas com muitas brigas entre os pais. Seu pai, que tinha esquizofrenia, cursou Direito, mas nunca exerceu a profissão, trabalhando durante toda a vida num Banco. Já a mãe tinha Ensino Médio completo e era secretária, mas ficara muito tempo sem trabalhar para cuidar dos filhos.

Durante a adolescência, presenciou muitas brigas entre seus pais. Afirma que seu pai era muito severo e sua mãe perfeccionista, o que gerava muitos conflitos. Tentava ser o mediador, pois todos eram muito “briguentos”. Mantinha relação mais próxima com a mãe, que costumava ser mais benevolente que o pai. Os pais se divorciaram quando ele tinha 18 anos.

Márcia, enfermeira, 47 anos, tem cinco irmãos, sendo apenas um homem. Ela é a segunda entre os seis filhos. Seus pais são vivos e casados, tendo a mãe 68 e o pai 71 anos. São naturais do interior do Piauí onde os filhos costumam visitar seus pais diariamente. Mesmo morando em outro Estado, fala com a mãe muitas vezes durante a semana.

Mantém boa relação com os irmãos, destacando um certo distanciamento da irmã mais nova, que segundo ela, não fez boas escolhas no casamento afastando toda a família. Afirma que a mãe é deprimida e é sempre poupada por se desestabilizar muito facilmente e o pai é mais duro e rígido, apesar de muito presente.

Durante a adolescência, teve uma relação muito conflituosa com a mãe, que foi *miss* e, sendo muito vaidosa, não compartilhava dos mesmos valores de Márcia, que se importava mais com os estudos. Por conta da formação, se mudou de casa muito cedo, indo morar com as tias. No início, voltava pra casa todos os finais de semana, mas com

o tempo passou a espaçar as visitas para aproveitar melhor os estudos, o que aumentou o conflito com a mãe. Relata que essas tias eram seu exemplo, pois tinham valores parecidos. A mãe se preocupava muito com a aparência, mas não cuidava muito das questões domésticas, que ficavam sob a responsabilidade das filhas.

Relata que a educação do pai era muito rígida, não havendo espaço para diálogo. Ele não permitia namoros e deixava claro todas as responsabilidades e tarefas dos filhos. Apesar de todos esses conflitos, afirma que os pais se davam bem porque a mãe sempre cuidava do pai, se preocupava com ele.

Márcia, ao terminar a faculdade, resolveu sair do Estado em que morava, pois queria começar uma nova vida, fazendo residência em Brasília, onde morava numa república com outros profissionais. Nessa república conheceu Vicente e se aproximou do mesmo por ser parecido com ela. Afirma que apesar da vontade de começar uma vida nova e experimentar novas coisas, se aproximou dele, que tem um perfil que inspirava cuidados, já que ele tinha uma doença mental (esquizofrenia). Divertiram-se muito juntos e namoraram por um ano até a família cobrar pela oficialização da união. Por este motivo, resolveram noivar e casar sozinhos em Brasília e seis meses depois casaram no religioso conforme as famílias desejavam.

O casamento passou por alguns problemas por conta da doença de Vicente. Márcia relata que o mesmo tinha muito medo de ter filhos por conta da carga genética referente à esquizofrenia. Após a decisão de ter filhos, houve muita dificuldade para engravidar, tendo três abortos até a filha ser concebida.

O casal afirma que tem práticas parentais diferentes com a filha. Márcia é mais exigente, enquanto Vicente permanece na posição de mediador. Ele, por conta dos traços esquizofrênicos, tem mais dificuldade em se conectar com as questões conjugais, o que sobrecarrega Márcia. Os dois afirmam que a chegada da filha mudou muita coisa no relacionamento, pois ele passou a fazer mais esforço para se organizar e dar o suporte necessário.

CASAL 03 – SUZANA E EDMUNDO

Suzana, fisioterapeuta, 49 anos, casada com Edmundo, geólogo, 56 anos há 19 anos. Tem uma filha de 17 anos e um filho de 13anos.

Suzana tem dois irmãos, sendo ela a do meio. Primeiro, a Irma com 55 anos e o irmão com 46 anos. Pais vivos, mãe 69 e pai 92 anos. Tempo de casamento 56 anos.

Bem próxima ao irmão, se diz “apaixonada por ele”, que tem uma filha do primeiro casamento e uma do segundo, sendo que a segunda esposa já tinha uma filha que ele a considera como filha também.

Suzana revela que a relação com o pai sempre foi muito próxima e que se sentia a filha preferida dele, enquanto a mãe era mais próxima ao irmão e a irmã mais velha, muito próxima dos avós maternos, que são divorciados. A família é natural de Itabuna, mas a mãe de Suzana resolveu se mudar para Salvador por conta do estudo dos filhos. Como a avó materna era muito próxima da irmã mais velha, também resolveu se mudar.

A irmã mais velha de Suzana casou-se com 17 anos por conta de uma gravidez não planejada. Este fato resultou em maior afastamento entre as irmãs e mudanças nas práticas parentais, já que os pais passaram a ficar receosos que o mesmo acontecesse com Suzana, privando-a mais de liberdade durante a adolescência. Fato que não a incomodou, pois estava frequentando um grupo ligado à Igreja (apesar dos pais não serem católicos) e não sentia falta das “farras adolescentes”.

Suzana acrescenta que sempre foi muito independente e valorizava muito os estudos. Aos 19 anos foi morar em São Paulo para se especializar e ficar longe das cobranças da mãe. Ficou sete anos, voltando apenas por conta do acidente do irmão, que ficou muito debilitado fisicamente e emocionalmente, pois tinha perdido a noiva no mesmo acidente.

Edmundo tem sete irmãos, quatro mulheres e três homens. Sendo ele o caçula dos homens. Os pais são falecidos, bem como a segunda e terceira irmã. Diz ter uma relação positiva, mas não muito próximo. Todos se preocupam, mas não costumam se encontrar muito.

Tal afastamento físico vem desde a infância, já que, por morarem numa cidade muito pequena do interior, os irmãos mais velhos foram afastados dos mais novos para estudar em uma cidade maior.

O pai faleceu em 1982, a mãe em 1996 e logo depois, as irmãs também faleceram.

Relata ter tido uma adolescência tranquila, com muita liberdade. Lembra de poucos conflitos entre os pais, já que todos sabiam os seus papéis. O pai estipulava as normas, que eram rigorosamente seguidas pela mãe. Lembra que houve uma fase complicada em que o pai deixou o cargo político que ocupava, deixando a família em dificuldades por conta da perda do status.

Saiu da cidade do interior junto com os pais para estudar, pois era um dos caçulas. Ao completar o ensino médio veio morar em Salvador para fazer faculdade. Permaneceu morando com os pais até se casar com Suzana.

O casal se conheceu na praia numa fase em que Edmundo, com 35 anos, se sentia muito sozinho, pois todos os amigos já haviam casado. Suzana, com 27 anos, tinha voltado de São Paulo há pouco tempo. Namoraram e após pouco mais de dois anos resolveram se casar. A decisão partiu de Edmundo, que passava muito tempo na casa de Suzana, que morava sozinha.

Suzana relata que sempre teve o sonho de casar, ao contrário da mãe, que sempre deixou claro que o casamento era uma coisa dispensável. Já Edmundo, deixa claro, de maneira mais prática, que optou pelo casamento porque os dois estavam independentes financeiramente e maduros para assumir um compromisso mais sério. Já que o sonho da cerimônia não era compartilhado, Suzana diz que se sentiu muito sozinha na organização de tudo.

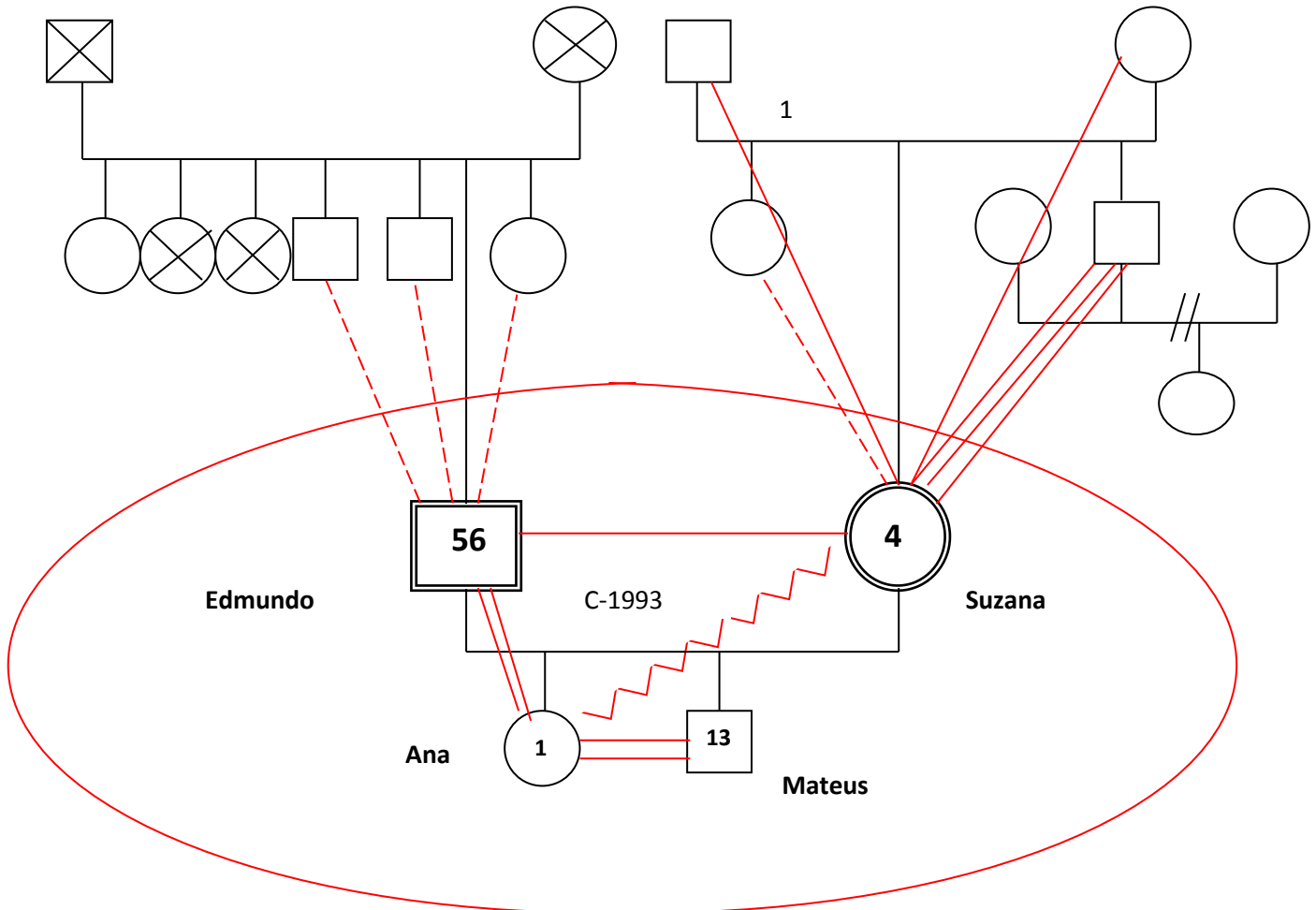
Edmundo tinha problemas de fertilidade e Suzana tinha pensado em adoção, mas ele rejeitou a ideia. Depois de algumas tentativas, conseguiram engravidar da primeira filha. Com o surgimento da parentalidade, algumas mudanças foram percebidas no casamento, principalmente no que concerne a rotina a dois. O casal deixa claro que não viajavam sem os filhos e que a relação ficou totalmente voltada para os filhos.

Suzana diz que o relacionamento com a filha sempre foi muito complicado, pois a adolescente é muito independente e indisciplinada. Já com o pai há uma maior aproximação, apesar de passar muito tempo viajando a trabalho e não conseguir dar os limites necessários para a filha, o que traz problemas para a relação conjugal, segundo Suzana.

A relação entre pai e filha na infância era tão intensa que a filha tinha crises de asma sempre que o pai viajava.

Os conflitos conjugais, portanto, perpassam pelas questões parentais, visto que Suzana acaba sendo mais rígida que Edmundo quanto a educação dos filhos.

GENOGRAMA DO CASAL 03



- 1 A relação de Suzana com o pai durante a adolescência e infância era muito próxima e com a mãe, distante.

CASAL 04 - ANTÔNIO E ARLETE

Antônio, 45 anos, advogado, casado há 16 anos com Arlete, tem quatro filhos.

Antônio tem quatro irmãos, sendo o mais velho dos filhos. Relação tranquila, porém distante com os irmãos. Relação mais próxima com o segundo irmão. Mãe morreu há 15 anos vítima de uma doença degenerativa.

Adolescência com muita liberdade, afirmando ter se construído sozinho sem crítica ou vigília dos pais. Não mantinha relação próxima com os irmãos, sendo bastante focado nos amigos. A relação com os pais era muito distante, se dizia muito independente. Os pais se relacionavam bem. O pai não se atentava muito para questões de educação, focando mais na questão financeira, fato que o afastava bastante dos filhos. A mãe era um pouco mais zelosa e afetuosa.

Logo após a adolescência, resolveu entrar para o seminário, pois queria se dedicar a vida cristã. Quando retornou, resolveu que gostaria de vivenciar a religião de outra maneira e voltou para as reuniões do movimento católico, onde conheceu Arlete.

Arlete é nutricionista, tem três irmãos, sendo a terceira dos quatro filhos. Passou a infância em uma cidade do interior do estado. A mãe veio com ela e os irmãos para Salvador quando ela tinha onze anos. A mãe voltou para o interior para ficar com o esposo quando Arlete estava no final da adolescência.

Arlete afirma que sempre manteve uma relação muito próxima com os irmãos, mas sua adolescência foi marcada por muitos conflitos com o pai, que era muito radical, mantendo uma educação muito rígida e pouco afetuosa com os filhos, o que a aproximava mais da mãe. Ficou sem falar com pai diversas vezes, resistindo muito ao seu perfil autoritário caracterizado por muitas cobranças por notas altas, ausência de elogios e carinho. O fato de seu pai ser alcoolista também agravava os conflitos, já que o mesmo protagonizava cenas constrangedoras para a filha.

Como a sua mãe engravidou antes de casar, Arlete diz que o pai ficou muito focado para que tal fato não se repetisse, exigindo vigília constante por parte da esposa e a culpando quando algo fugia do planejado. A mãe, por sua vez, acatava todas as decisões do marido e apenas repassava as coordenadas aos filhos.

Arlete e Antônio se conheceram nos encontros do movimento católico e se atraíram pelas mesmas características: bom humor e espontaneidade. Ficaram muito amigos, chegando a ser confidentes. Em uma viagem começaram a namorar. Depois de dois anos casaram. Arlete diz que até o último momento tinha dúvidas se estava fazendo a coisa certa.

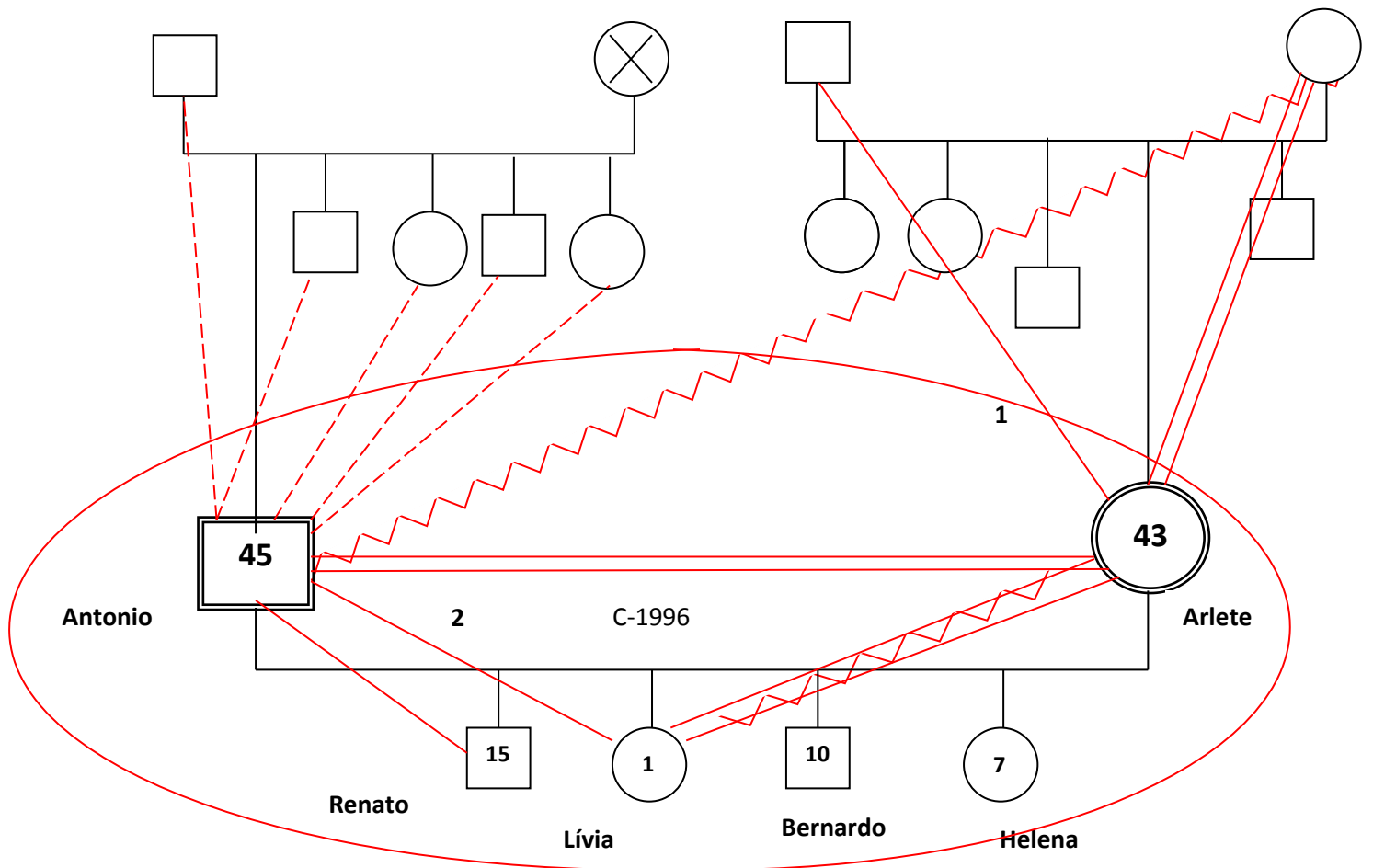
Com seis meses de casado, descobriram que estavam grávidos. Nenhum dos filhos foi planejado. O nascimento do primogênito mudou bastante a rotina do casal, que com pouco tempo de casados, não puderam aproveitar seus momentos sozinhos.

A relação do casal com os filhos é positiva, sendo que os mais novos são mais próximos e dependentes de Arlete e os adolescentes mais distantes. Arlete afirma que a filha é muito contestadora e impaciente, fato que gera alguns problemas em casa. O filho mais velho mudou bastante da infância para a adolescência, tornando-se mais contestador.

Antonio e Arlete não apresentam muitas diferenças quanto às práticas parentais, sendo muito exigentes quanto ao rendimento escolar e a segurança dos filhos. Antonio afirma estar muito presente na vida dos filhos, orgulhando-se de não deixá-los sozinhos e admitindo ser bastante crítico quanto ao desempenho deles.

Por ser tão presente na vida dos filhos e queixar-se da ausência do pai na sua formação, Antonio não mantém um bom relacionamento com a sogra, pois acredita que ela abandonou os filhos quando voltou para o marido no interior, deixando os filhos muito jovens em Salvador.

GENOGRAMA DO CASAL 04



- 1 A relação de Arlete com o pai durante a adolescência e infância era muito distante e conflituosa, passando a ficar positiva apenas na vida adulta.
- 2 Apesar de manter uma relação positiva com a filha, Antonio afirma que com a adolescência houve um distanciamento físico por parte dela.

5.2 ANÁLISES POR CATEGORIAS

5.2.1 Significado e motivações para o casamento e escolha do cônjuge

O subsistema conjugal é composto por duas pessoas que tem por objetivo formar uma família e está diretamente ligado às tarefas que ambos se propõem a realizar com base em contratos que vão desde à formatação da cerimônia de casamento até à divisão de responsabilidades quanto as rotinas da casa. Esses contratos acabam por ser estabelecidos até mesmo antes do casamento em si. O significado dado ao casamento, então, torna-se uma cláusula importante deste contrato. Quando questionada sobre a decisão do casamento, Suzana deixou clara a sua intenção:

“Eu queria casar com tudo o que eu tinha direito: igreja, vestido, tudo [...] mas eu não tive o casamento com tudo o que eu tinha direito, tive que negociar muitas coisas, pois esse era meu sonho e não o dele.”

E Edmundo, seu esposo, confirmou:

“As coisas foram se encaixando, tínhamos trabalho, tempo juntos. Não éramos mais meninos. Chegamos à conclusão que tinha chegado a hora. Mas pra mim, casamento era morar junto e pronto, essa coisa de igreja, vestido, era tudo invenção dela. Eu não queria isso, mas cedi.”

O casamento deve ser percebido como uma instância do desenvolvimento não só familiar como individual. As motivações para a conjugalidade variam entre questões sociais, familiares e individuais. Em 2008, uma pesquisa realizada por Zordan, Falcke e Wagner (2009) com jovens gaúchos entre 20 e 31 anos concluiu que dentre as motivações individuais, o amor e a afinidade são os mais presentes (73,3% e 77% respectivamente). Dentre os casais entrevistados alguns cônjuges relataram motivações que corroboram com a pesquisa citada:

“Temos muita coisa em comum, gostamos das mesmas coisas, as coisas que conversamos são iguais, as músicas, tudo.” (Gabriela).

“Decidimos casar porque nos dávamos bem e porque a gente se gostava” (Suzana)

“O que une mais um casal hoje é um objetivo em comum a longo prazo. No meu entender alguma convergência deve haver. É um ideal em comum.” (Vicente)

A mesma pesquisa apresenta como motivações para o casamento a influência da família e da religião, conteúdos que foram apresentados também entre os participantes da pesquisa:

“Decidimos casar depois de um ano. Nossas famílias eram muito tradicionais, então foi rápido. Casamos só nós dois, depois casamos com todas as pompas porque a família cobrava” (Márcia)

“Estava muito claro pra mim que pra uma vida cristã razoável era necessário casamento. Eu já procurava um relacionamento estável.” (Antonio)

O casamento envolve motivações e significados que perpassam por instâncias individuais, familiares e culturais e cada indivíduo o percebe a seu modo, deixando claro que tal significado pode influenciar na conduta dos cônjuges mediante o casamento. (MENEZES, 2006)

Em pesquisa realizada no Rio Grande do Sul em 2008, Neto, Strey e Magalhães (2011) identificaram que dentre os fatores motivadores para a satisfação conjugal está a carga transmitida geracionalmente. Este fator está diretamente relacionado a escolha do parceiro. O processo de escolha do cônjuge diz respeito não só a dinâmica do próprio casal, sofrendo influências da relação do indivíduo com a sua família de origem. Este indivíduo tende a escolher um parceiro com mesmo grau de diferenciação. (KROM, 2000) Ao serem questionados sobre as motivações para escolha do seu parceiro (a), alguns entrevistados revelaram suas expectativas, como Suzana deixando clara a influência dos pais na escolha:

“Eu vou repetir uma coisa que minha mãe sempre dizia: o bom marido é o bom pai. Eu posso nem ter escolhido o melhor marido, mas escolhi o melhor pai”

E Arlete ao ser questionada sobre as expectativas sobre o casamento no momento da escolha do marido revela:

“Meu pai era alcoolista, tínhamos um bar. Passamos por situações bem complicadas e isso era uma coisa que eu temia muito, eu não queria um marido assim.”

A construção da conjugalidade, portanto, sofre influências da geração anterior, seja no sentido da repetição, como mostra o primeiro relato, seja na rejeição a um padrão anterior, como no depoimento da segunda entrevistada.

A escolha do cônjuge está diretamente ligada a lealdades geracionais, sendo direcionada para satisfazer demandas anteriores à relação conjugal. Os modelos conjugais experienciados pelo indivíduo influenciam não só nas concepções sobre casamento, mas também trazem implicações para a escolha do cônjuge. (KROM, 2000)

Essa instância só pode ser entendida a partir de uma estrutura triangular que sofre influências de questões não resolvidas e expectativas criadas a partir da história da família de origem. (ANGELO, 1995)

As percepções sobre casamento e as expectativas em relação a esta etapa do ciclo de vida tendem a revelar muito sobre a história familiar do indivíduo e posteriormente pode trazer repercussões para a condução das negociações e contratos conjugais.

5.2.2 Relação entre conjugalidade e parentalidade

Com o surgimento do subsistema parental, há uma transformação significativa no sistema familiar, não só por conta das mudanças na conjugalidade em si, mas pela própria dinâmica percebida por cada cônjuge. Essa fase é considerada por muitos autores como a transição de maior impacto no sistema familiar. (CARTER E MCGOLDRICK, 1995; PITTMAN, 1994; CERVENY; BERTHOUD, 1997; OSORIO, 2013; CROHAN, 1996). Esse dado pode ser confirmado na pesquisa, já que pelo menos um dos cônjuges de todos os casais entrevistados relata que o momento mais importante do casamento foi a chegada do(s) filho(s).

“Quando você fala: to grávida... é uma coisa muito forte. Você começa a pensar no prolongamento.” (Gabriela).

“O momento mais marcante e feliz do casamento é quando nasce o primeiro filho.” (Lúcio).

“O nascimento da nossa primeira filha foi o momento mais feliz, uma mudança boa.” (Suzana).

“A chegada de Marina foi o momento mais marcante. Eu tinha dificuldade pra engravidar e quando aconteceu trouxe coisas muito positivas pra gente.” (Márcia).

“O dia que o primeiro filho nasceu, na maternidade, a festa de ter um filho, marcou muito.” (Antonio).

A relação percebida entre os subsistemas corrobora com o conceito de *spillover*, que se refere a ideia de que um evento, conflito ou emoção pode transbordar de um subsistema para outro, deixando clara a relação circular entre eles. (GERARD; KRISHNAKUMAR; BUHELER, 2006). No caso do subsistema conjugal, é importante destacar que cada cônjuge pode vivenciar esta experiência de uma maneira diferente, havendo uma distinção não só por questões familiares anteriores, mas também por questões de gênero.

É muito comum que a mulher fique mais sensível emocionalmente, demandando mais atenção do esposo. Se o casal mantém um bom padrão de comunicação, é possível,

contudo, que estas mudanças sejam benéficas ao subsistema conjugal (FALCETO; WALDEMAR, 2009):

“Eu tive problemas na gravidez e isso me deixou muito frágil na gravidez e quando ele nasceu eu fiquei superprotetora. Foi um pouco difícil.” (Arlete)

“O centro de atenção mudou totalmente. O nosso filho era tudo agora, mas estreitou ainda mais nosso relacionamento.” (Antônio).

Como há a adição de novos papéis ao sistema familiar, muitos casais acabam por suprimir as funções conjugais em nome das responsabilidades parentais. À medida que a família passa pelas etapas do ciclo de vida, as negociações para as funções conjugais e parentais tendem a se modificar.

Em pesquisa realizada em Portugal por BENKOVSKAIA (2008) com 652 indivíduos casados constatou-se que o nível de interação conjugal tende a ser menor nos casais com filhos, principalmente por conta das novas responsabilidades e tarefas. Ao ser questionada sobre as mudanças na rotina do casal após a primeira filha ter nascido, Suzana afirma:

Não viajamos, o sexo diminuiu. Mas é uma mudança boa, é melhor assim. Tem menos exigência de um com o outro. Hoje ele é mais presente. A cobrança de ter que dar mais atenção, de abrir mão. A relação mudou porque não ficamos juntos sozinhos. Mesmo que os meninos não estejam presentes fisicamente, estamos falando deles.

E o seu cônjuge:

As viagens diminuíram. Mudou considerável. Até hoje tudo é para nossos filhos. (Edmundo)

Analisando a família a partir do ciclo de vida familiar percebe-se que o surgimento da função parental na fase dos filhos pequenos tende à sobreposição dos papéis, mas isso está diretamente relacionado às negociações anteriores ao nascimento dos filhos. (BRADT, 1995)

A estrutura da família passa por mudanças com a chegada de um novo membro e o casal que agora também faz parte de um novo subsistema pode criar laços

emaranhados ou desligados a partir de suas fronteiras difusas ou rígidas, respectivamente. No caso de Edmundo e Suzana percebe-se a construção de fronteiras difusas em que não há uma proteção do subsistema conjugal em relação ao parental. No estabelecimento da estrutura hierárquica, os filhos definem os programas e a interação conjugal.

Percebe-se, então, uma fragilidade nas delimitações entre essas duas dimensões. A função parental se formata e sobrepõe a conjugal e o casal não percebe isso como algo negativo e sim como percurso natural. A conjugalidade, para eles, está fortalecida pela parentalidade e as consequências desse possível afastamento são percebidas como uma virtude, já que há como ganho a proteção e a satisfação do filho:

“A chegada da nossa filha só agregou. Passamos a nos conhecer mais, a ser mais marido e mulher. Agora tínhamos que nos unir mais para dar o de melhor pra ela.” A chegada dela ajudou, ele começou a fazer força pra melhorar.
(Márcia)

Ao mesmo tempo em que o casal pode deixar de dar atenção aas questões conjugais, há uma tendência do vínculo se estreitar. Os cônjuges podem se sentir, então, mais próximos e fortalecidos, criando uma aliança conjugal em nome da condição parental. (BERTHOUD, 1997)

Os conflitos nesta fase tendem a surgir por conta da energia dispensada ao novo membro, cabendo ao casal criar novas estratégias para melhor se adaptar a tais demandas. (CROHAN, 1996) Ao criar novas formas de enfrentamento, o casal pode começar a se perceber de outra maneira e essa flexibilidade só é possível se os papéis estiverem claros e as regras estabelecidas na fase do ciclo vital familiar anterior estejam alinhadas com as novas demandas do casal parental.

A falta de suporte da família de origem ou a ausência de um dos cônjuges nesse período pode aumentar o conflito entre o casal, que se sente sobrecarregado. (FALCETO; WALDEMAR, 2009). Lucio, por exemplo, relata o momento em que ficou sozinho na cidade com os filhos como o mais complicado do casamento:

“Eu fiquei seis meses sozinho com os meninos. Ia trabalhar preocupado. Ela precisou ficar longe por conta do trabalho. Foi muito difícil dar conta

de tudo sozinho. Levar na escola, buscar, cuidar da alimentação. Eu tinha que passar segurança pra eles.”

É importante destacar, portanto, que fatores como gênero, comunicação e suporte familiar devem ser considerados quando se analisa a relação entre a conjugalidade e parentalidade. A interação entre esses dois subsistemas se faz presente durante todo o ciclo de vida familiar trazendo consigo características peculiares a cada etapa de desenvolvimento dos filhos.

5.2.3 Significado da adolescência para a parentalidade e conjugalidade

O processo parental muda a partir da necessidade dos filhos, que à medida que se desenvolvem apresentam novas demandas. A adolescência, então, pode ser entendida como uma etapa do ciclo vital em que há uma ruptura não só com a posição infantil para o próprio adolescente, mas também para seus pais, que precisam lidar com as mudanças de seu filho. Estas mudanças vão desde o âmbito físico ao comportamental e colaboram para que os pais acabem por não reconhecer ou pelo menos estranharem seus filhos que não cabem mais nos padrões de criança. (STENGEL, 2011) Ao serem questionados sobre o momento em que perceberam a transição dos filhos, os participantes referem:

Entre a quarta e quinta serie com as perguntas de sexo e namoro e o jeitinho dela foi mudando bastante, ela é muito tranquila, mas ficou menos tímida (Gabriela).

É todo dia. Nas roupas, eu aprendi a costurar por causa dela. Quando eu comecei a fazer as roupas percebi o quadril e tal. (Márcia)

Ele sempre aceitava tudo, quando ele começou a questionar mais, eu me dei conta. Pensei assim: ele ta crescendo. (Arlete)

Quando soube no ginecologista que ela já tinha menstruado. Além do temperamento que pra ela mudou bastante (Antonio)

Ao entrar em contato com todas essas mudanças, outro fator se faz presente na relação entre pais e filhos é a expectativa. Após a decisão de ter filhos, os pais começam a criar expectativas sobre como serão, que características gostariam que estes filhos tivessem. (ROSSET, 2009) Alguns esperam a similaridade, como no caso de Suzana, que atribui parte dos seus conflitos com a filha por serem muito diferentes.

[...] ela não era a filha que eu imaginava, não era minha princesinha, sempre foi muito independente desde pequena.

Outros, contudo, se dizem orgulhosos ao perceberem que seus filhos podem ser versões melhoradas dos pais.

Eles são parecidos com a gente, mas ao mesmo tempo diferentes. Somos muito tímidos, não gostamos de aparecer, já eles são mais líderes, mais comunicativos, se destacam num grupo. (Gabriela)

As modificações no sistema conjugal também são percebidas pelos próprios cônjuges que na fase da adolescência dos filhos, se deparam, principalmente com características como rebeldia e intolerância. Nesta etapa do desenvolvimento, um dos temas centrais é a independência. (MINUCHIN, 1982)

Tinha momentos em que eu achava que ela disputava comigo. Se eu digo que isso é branco, ela diz que é preto. Teve um dia que eu disse que não aguentava mais. Tudo ela questiona, bate a porta, não aceita nada, nenhum limite. (Suzana)

A ordem vem de mim. Se eu dou a ordem, o conflito vem de mim. É uma fase difícil, essa coisa do enfrentamento, do embate. O ponto central é ela não aceitar nenhum tipo de regra. (Márcia)

Eu acho que é uma fase que eles desafiam. Eles querem se impor mesmo. (Arlete)

Essa transição e percepção dos conflitos podem interferir no subsistema conjugal, pois é um momento em que novas negociações devem surgir, já que o filho adolescente tem demandas diferentes daquelas da infância e os pais também tem necessidades específicas da fase chamada de meio de vida. O casal abaixo, por exemplo, deixa clara a influência da adolescência da filha na vida conjugal:

Mudam os conflitos, mas a forma de resolver é a mesma. À medida que Marina cresce ela é um elemento mais ativo, é um triângulo. É natural que mude porque antes um era passivo. Agora Marina faz parte do triângulo. Eram dois e meio, agora são três. (Vicente)

Estamos mais distantes. Quando ela era menor, estávamos mais próximos. Agora o elo que aproximou, distanciou e temos que dar um jeito de retomar isso. (Márcia).

E isso pode também impactar na rotina íntima do casal:

A questão da liberdade. Temos que nos reservar mais. Não posso brincar com minha esposa como brincava antes. (Antonio)

Eu acho que eu fico meio envergonhada quando ele [o marido] me abraça, sabendo que os meninos sabem do que se trata. (Arlete)

A paternidade e maternidade e a diminuição do sexo são considerados pontos críticos do casamento e costumam estar relacionados, principalmente quando os cônjuges começam a se perceber apenas como pais ou se sentem constrangidos pela vigília dos filhos. (PITTMAN, 1994) A diminuição da liberdade citada pelo casal acima, então, pode ser percebida como consequência de fronteiras difusas em que há um emaranhamento entre os subsistemas, entre as limitações entre conjugalidade e parentalidade. À medida que o casal se comunica e organiza novas regras e estratégias de convivência com os filhos, esse impacto tende a diminuir. (MINUCHIN, 1982)

As mudanças ocasionadas pela adolescência dos filhos podem afetar a estrutura familiar, bem como a rotina do subsistema conjugal, mas o impacto dessas transformações é inversamente proporcional à segurança dos pais quanto à sua identidade, competência parental e capacidade para resolver conflitos. (ROSSET, 2009)

5.2.4 Transmissão geracional e relações com a família de origem.

Além de influenciar na escolha do parceiro e em outras questões conjugais, a transmissão geracional pode impactar também na forma de lidar com os filhos e na posição assumida por um membro no sistema familiar. As expectativas geradas na família de origem em relação a um filho podem perpetuar para a geração seguinte na forma de lealdade e influenciar as interações deste sujeito na sua família nuclear. Esse impacto pode ser percebido na maneira como os pais lidam com a adolescência dos filhos. (ANDOLFI; ANGELO, 1989).

Essa ideia corrobora os conceitos de transmissão multigeracional e projeção familiar da teoria de Bowen, que se referem a transmissão de ansiedade e indiferenciação de geração para geração. Neste caso, o filho que mais estiver envolvido no processo fusionado da família, tende a regredir quanto à diferenciação, transmitindo a ansiedade e expectativas na geração posterior ou na escolha do cônjuge. (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007)

Nos relatos abaixo, é possível identificar uma repetição nos comportamentos de obediência e independência de Gabriela e sua filha adolescente, Ana. O marido Lucio, inclusive, percebe a dificuldade da esposa em dizer não e impor limites. Essa característica, cultivada pelo pai de Gabriela, portanto, foi transmitida geracionalmente para a filha que, sendo leal à mãe, também escolhe a profissão do pai.

A relação com meu pai era muito boa, sempre fomos muito próximos, um tentando apoiar o outro. Eu era a preferida dele. Fiz Medicina como ele, tínhamos mais coisas pra conversar, mais assuntos em comum que com meus irmãos Mesmo meu pai sendo muito próximo, eu assumi as coisas mesmo, saí de casa cedo. (Gabriela)

Eu sou engenheiro. Ana quer fazer engenharia e quer voltar pra São Paulo, quer estudar lá. Acha que o curso é melhor. Estamos apoiando. Ela é bem independente. (Lucio)

Eu nunca consegui brigar com meu pai, até hoje não consigo. Ele apareceu na minha lua de mel, e eu não consegui falar nada. (Gabriela)

Gabriela tem mais dificuldade em fazer algumas coisas, como dar limites, por exemplo. Acho que ela até percebe que precisa agir de outro jeito, mas não consegue. (Lucio)

Ana é muito tranquila. Super responsável e obediente, não nos contesta. (Gabriela)

Já no caso do casal abaixo, nota-se que há uma repetição na forma de lidar com a família adolescente. A esposa manteve o padrão ao escolher um cônjuge com as mesmas características de seu pai quanto à dificuldade de impor limites.

A minha relação com meu pai sempre foi muito boa, muito afetiva. Eu era a queridinha dele. Na adolescência eu fiquei presa por minha mãe. Meu pai não se metia em nada. Ela que cobrava, mas hoje eu entendo que era ele que queria, ela só fazia, mas antes eu não percebia, né? Então ele era o ideal. (Suzana)

Ela agora se refere ao esposo:

Um pouco antes do nascimento de Marcelo. Tínhamos problemas pela falta de limites que ele não dava pra Renata. Ele viajava muito e não ligava pra ela, não falava com ela. Pra ele era muito dolorido estar longe e dar o limite. Eles eram muito apegados.

E conclui:

Ele queria que eu fosse mais rígida e eu questionava por que eu? Aí eu tinha a imagem de meu pai que se escondia em minha mãe. E acabava sobrando pra mim mesmo.

Os mitos familiares funcionam como protetores da identidade da família e seus membros tendem a repeti-los, pois se sentem mais seguros mantendo a sua família de origem ou história familiar como referência. (KROM, 2000) Dentro desse contexto,

quando não há uma repetição do padrão, pode haver uma rejeição corroborando com o conceito de homeostase. No caso de Suzana essa resistência a novos padrões fica clara:

Enquanto eu tinha todas as oportunidades de sair de casa e fazer coisas fora, e não ia, ela sempre se mobilizou pra isso. Ela nunca teve comportamento de criança. [...] Eu acho que nos queríamos que eles fossem mais dependentes da gente, ia ser mais fácil.

A falta de diferenciação na família de origem neste caso pode ser observada a partir da projeção do problema em um dos filhos, Renata, no caso. Essa estratégia, segundo Nichols; Schwartz (2007) é utilizada como sustentação para a o processo emocional da família nuclear, é a ferramenta encontrada pela família para lidar com padrões recorrentes. Suzana, portanto, rejeita a independência da filha, como uma resposta a suas experiências anteriores de filha.

As práticas parentais e a maneira como as questões conjugais são conduzidas sofrem influência da relação estabelecida com a família de origem, pois é nela que o sujeito tem contato com as referências de parentalidade e conjugalidade. (TENEMBAUM, 1998 apud. LOPES, 2008). Na história de Arlete e Antonio a repetição e rejeição aos padrões relacionais vivenciados na família de origem também ficam claros:

Meu pai era muito radical. A educação era muito rígida. Éramos muito cobrados. Se tirássemos uma nota dez, ele não elogiava, apenas dizia que era isso que tinha que ser feito. Minha mãe acatava tudo que ele dizia, só repassava pra gente. (Arlete)

Meu pai era muito distante, eu me construí sozinho. Ele não ligava muito pra essas coisas de educação não. Eu era muito independente. (Antonio)

Eu sou muito presente para meus filhos, sou crítico, às vezes até chato. Arlete diz que cobro muito, mas acho eu tenho que acompanhar eles. (Antonio)

Aqui em casa, a media para a escola é oito. Se alguém não tira essa nota, há uma punição, mas com certeza Antonio é mais rígido que eu.

Antonio não tem uma boa relação com minha mãe, ele diz que ela abandonou os filhos, que ela largou a gente quando voltou para o interior. (Arlete)

Nesse caso, o marido foi exposto a uma relação de distanciamento e rejeita esse padrão, demonstrando vontade de estar perto dos filhos, enquanto a esposa, que experienciou o autoritarismo e controle, procura ser flexível, mas acata a decisão do cônjuge, assim como sua mãe acatava. O marido, por sua vez rejeita também o fato da sogra ter deixando os filhos sozinhos, reafirmando a rejeição ao padrão de abandono e afastamento emocional.

Esse padrão comportamental de Antonio pode estar relacionado ao contexto do processo de projeção familiar descrito por Bowen(1991). A partir do distanciamento vivido por ele em relação a sua família de origem, vincula-se de maneira muito próxima aos seus filhos, preocupando-se ansiosamente com eles. Esta estratégia tende a diminuir sua ansiedade em relação a sua família de origem, formatada a partir de relações menos afetivas e indulgentes.

Já no caso de Arlete, é possível perceber a repetição do padrão de autoridade por ela rejeitado. Ao queixar-se do pai como figura autoritária e inflexível deixa clara a sua vivência oprimida enquanto filha, mas escolhe um esposo que cria estratégias de cobranças similares (quanto ao rendimento escolar dos filhos) acaba por compartilhar desses procedimentos.

É importante, contudo, deixar claro que no caso apresentado, assim como previsto por Baptista; Cardoso; Gomes(2012) foi possível criar formas criativas e personalizadas de repetir a herança geracional, visto que as ferramentas de educação de Arlete e Antonio eram diferentes daquelas utilizadas pelo pai de Arlete.

Com outro casal, a referência negativa de pai experienciada pelo esposo e a sua posição de mediador na família de origem impactaram na maneira como os conflitos parentais e conjugais são conduzidos.

Meu pai era muito severo e minha mãe o lado bonzinho. Eles brigavam muito. Eu fazia a média, tentava ser o mediador entre eles.

Marina, minha filha, é muito contestadora e a mãe é brava. Márcia é durona, brigona, eu sou o policial bom. Então Marina acaba ficando um pouco mais do meu lado. (Vicente)

A experiência vivida por Vicente de lidar com a oposição de posturas pode ser entendida como um valor familiar significativo de maneira a ser repetido quando o mesmo cria a sua própria família. Os valores transpostos intergeracionalmente tendem a uma repetição de padrões interativos. Se na sua família de origem havia um papel rígido e outro flexível, para a geração seguinte, há a criação de uma estrutura familiar semelhante.

Márcia ao falar sobre a família de origem do esposo menciona o rompimento:

Eu só fui conhecer meu sogro depois de seis anos de casado, não existia uma relação entre pai e filho. Até que um dia ele começou a ligar pra cá e Vicente ficou furioso e eu procurei unir os dois. Ele veio morar com a gente um tempo, mas a rejeição de Vicente era grande.

O rompimento emocional é uma maneira de lidar com a indiferenciação e pode levar o sujeito a se isolar um pouco dos contatos sociais e evitar perguntas muito pessoais. (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007) No caso de Vicente, além do isolamento afetivo causado pelo diagnóstico de esquizofrenia, há uma reserva muito grande quanto aos aspectos íntimos da sua família de origem. É comum que para lidar com a fusão emocional, o sujeito busque se afastar fisicamente do familiar, diminua o contato ou evite falar sobre ele. Durante a entrevista, os conflitos e detalhes das relações foram explicitados apenas por sua esposa

CONCLUSÕES

A família é composta por membros que mantêm uma relação de interdependência e isso implica em percebê-la como um sistema maior que a mera soma de seus componentes. Cada um traz consigo histórias e vivências que tendem a influenciar na sua conduta dentro da família.

O questionamento central deste estudo se pauta na ideia de que a adolescência, enquanto fase de muitos conflitos e expectativas traz consigo repercussões não só para o adolescente em si, mas para os outros membros que compõem a sua família. O seu objetivo geral, portanto, era analisar a conjugalidade dos pais de adolescentes e identificar quais mudanças eram percebidas no casamento e nos padrões relacionais cônjuge-cônjuge.

Para tanto, foi necessário perceber o casamento como uma fase do ciclo de vida familiar em que estão envolvidos não apenas os cônjuges, mas suas concepções de casamento e a influência da família de origem. No casamento estão embutidos acordos feitos entre os cônjuges e muitas vezes as especificidades deste contrato são resultado de vivências anteriores.

Indivíduos com vivências de fronteiras rígidas ou difusas, bem como baixo índice de diferenciação em relação à família de origem tendem a repetir ou mais comumente rejeitar os padrões de interação experienciados. Essa estratégia, contudo, acaba por resultar em conflitos para o casal, por não ser elaborada e discutida pelos cônjuges e sim herdada pela sua indiferenciação em relação à família de origem.

Com o surgimento do subsistema parental, o casal começa a repensar as estratégias e normas a fim de incluir esse novo membro e as tarefas resultantes dessa chegada. Esses novos acordos e a experiência da parentalidade levam os cônjuges a relembrem suas condições de filhos na tentativa de resgatar um modelo parental considerando as necessidades básicas dos filhos pequenos.

Com a adição de um novo papel, o casal tende a se concentrar nas demandas parentais se afastando das discussões conjugais. Este fato pode levar os cônjuges a se afastarem, inclusive fisicamente, mas também pode resultar numa aproximação maior na tentativa de suprir as necessidades do filho. No segundo caso, os cônjuges se

fortalecem enquanto casal-parental e tendem a descobrir novas maneiras de se relacionar mesmo com a presença de um novo membro.

É necessário, portanto que nessa transição o casal se reorganize, repense a estrutura familiar para que os novos membros sejam acolhidos sem necessariamente os laços conjugais sejam desfeitos. Os papéis e tarefas designados antes desse processo devem ser considerados, mas os padrões devem ser flexíveis, já que há outra demanda.

Quando os filhos chegam à adolescência as demandas mudam e os pais tendem a experimentar uma sensação de perda de controle por conta do luto da infância e da possibilidade de perda de autoridade. Os filhos começam a questionar as regras estabelecidas e a se impor enquanto parte integrante do sistema. Nesse momento, os pais acabam por entrar em contato com as suas vivências adolescentes, buscando uma referência de cuidado para lidar com a situação de conflito.

As demandas adolescentes, portanto, podem ser vistas como catalisadores que reativam questões emocionais que envolvem relacionamentos não diretos com o adolescente, como conflitos não resolvidos entre pais e avós, pais e tios, por exemplo.

Essa tomada de consciência e enfrentamento de valores por ora esquecidos ou escondidos permite a estes indivíduos questionarem suas visões de si mesmos e da família contribuindo para um desenvolvimento não só pessoal, mas de todo contexto familiar, confirmando, portanto, a concepção de família como algo aberto e relacional.

O processo de construção desta pesquisa trouxe especificamente duas dificuldades: A primeira foi a carência de famílias no perfil escolhido e a segunda, a escassez de estudos que considerassem a influência da adolescência dos filhos na conjugalidade dos pais. Esses dois fatos contribuíram para uma análise crítica do material coletado. No primeiro caso, foi percebido que famílias consideradas intactas, sem divórcio ou recasamento e com filhos na adolescência e que participem da classe socioeconômica A e B são menos frequentes do que o imaginado no início do processo, permitindo contato com novas configurações. Já no segundo caso, a maioria das pesquisas encontradas apontava apenas para a direção de influência pai-filho, desconsiderando uma influência geracional de baixo para cima.

A bidirecionalidade antes considerada e na qual esse trabalho se baseava na sua concepção foi enfraquecida. Percebeu-se que a influência da adolescência dos filhos na

conjugalidade dos pais se dá somente a partir de uma permissão desse casal parental. Casais com vivências de fronteiras nítidas e baixa ansiedade tendem a manter o distanciamento necessário entre os subsistemas. Os padrões relacionais foram percebidos nos genogramas como modelo entre as gerações. Filhos com relações simbióticas com seus pais tenderam a manter essa simbiose com seus filhos ou ainda a possibilidade de uma nova construção, como nos casos em que pais e filhos com padrões de rompimento tenderam ao maior cuidado, mantendo relações positivas quando na posição parental.

Foi percebido, então, que o fato da adolescência dos filhos resultar em conflitos para a conjugalidade dos pais está diretamente relacionado à falta de diferenciação dos pais, à dificuldade para lidar com conflitos anteriores gerados na família de origem, que tendem a criar expectativas de filhos e cônjuges perfeitos que deem continuidade às suas histórias ou criem caminhos completamente diferentes.

É importante, então, que os casais percebam a influência positiva ou negativa da sua família de origem para que as expectativas em relação aos filhos adolescentes e ao parceiro sejam equilibradas e a frustração sentida pela impossibilidade do modelo pensado seja melhor enfrentada.

Dessa maneira, apesar de todas as possibilidades de conflito, frustração e afastamento, há também uma reflexão que permita a família modificar a visão de si mesma, possibilitando a independência das próximas gerações sem transpor os limites necessários para o desenvolvimento familiar. É a possibilidade concreta de permitir a convivência entre o conhecido, o familiar e o novo, o desafiador.

Os resultados obtidos nessa pesquisa, portanto, podem contribuir para que outros estudos sejam feitos no sentido de aprofundar a análise da conjugalidade e da parentalidade como instâncias formadoras do sujeito, contribuindo também para a elaboração de políticas que considerem a participação dos pais em programas de atendimento ao adolescente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDOLFI, M.; ANGELO, C. **Tempo e mito em psicoterapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ANGELO, C. A escolha do parceiro. In: ANDOLFI, M; ANGELO, C.; SACCU, C. (ORG). **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995.p.47-57.
- BALANDIER, G. **Antropo-lógicas**. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1976.
- BAPTISTA, M.N.; CARDOSO, H.F.; GOMES, J.O. Intergeracionalidade familiar. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M.L.M.(Orgs). **Psicologia de Família: Teoria, avaliação e pesquisa**. Porto Alegre: ArtMed, 2012.p.16-26
- BELLO, A.B. Família e intersubjetividade. In: MOREIRA, L. E CARVALHO, A.M. A (ORG). **Família, Subjetividade, Vínculos**. São Paulo: Paulinas, 2007. p.83-106.
- BENKOVSKAIA, I.V. **Satisfação conjugal, afetividade e proximidade ao cônjuge – diferenças entre casais com filhos e sem filhos e ao longo dos anos de relação**. 2008 Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia)–Universidade de Lisboa Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/703/2/17631_MONOGRAFIA.pdf. Acesso em 01 de dez. de 2012.
- BOWEN, M. **De La familia al individuo: La diferenciación del si mismo em el sistema familiar**. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- BRADT, J.O. Tornando-se Pais: Famílias com filhos pequenos. In: CARTER, B; MCGOLDRICK, M. (Orgs.), **As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.p.206-222.
- BUCHER-MALUSCHKE, J.S.N.F. Da transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In: PENSO, M.P.; COSTA, L.F (Orgs.). **Transmissão Geracional Em Diferentes Contextos** da pesquisa à intervenção. São Paulo: Summus, 2008. P.76-96
- CAMPBELL, S. The couple's journey. Estados Unidos: **Impact Publishers**. 1994
- CASTILHO T. PAINEL: família e relacionamento de gerações. In: *Congresso Internacional Co-Educação de Gerações*; 2003 out 21-24; São Paulo, Brasil. São Paulo; 2003. [Citado em: 20 jul. 2005]. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex>. Acessado em 10 de out. de 2012.
- CERVENY, C MO; BERTHOUD, CME. Ciclo vital da família brasileira. In: OSORIO, L.C.; VALLE, M.E.P. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: artmed, 2009.p.25-37.vol.1

CERVENY, C. M. de O; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa o Psicólogo, 1997.

CERVENY, C. M. FORTES, A.E. PRADO, A.E.F. Genograma: um Desatador de Nós na Construção de Conhecimento. In: MACEDO, R.M.S. **Terapia Familiar no Brasil na última década**. São Paulo: ROCA, 2008.p.128-132.

CROHAN, S. E. Marital quality and conflict across the transition to parenthood in african american and white couples. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 933-944. 1996.

DESSEN, MA; POLONIA, AC. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Ribeirão Preto: Paidéia. v.17, n. 36.2007.

DESSEN, M.C.; SILVA, S.C.;DESSEN,M.A. Pesquisa com Família: Integrando métodos quantitativos e qualitativos. In WEBER,L.;DESSEN,M.A. (Orgs). **Pesquisando a Família – Instrumentos para Coleta e Análise de Dados**. Curitiba; Juruá Editora, 2009.p.17-28.

ELKAIM, M.(ORG). **Panorama das Terapias Familiares**. São Paulo: Summus, Vol 1, 1998.

FALCETO, O.G.; WALDEMAR, J.O.C. Famílias com bebês. In: OSORIO, L.C. VALLE, M.E.P. **Manual de Terapia Familiar**.Porto Alegre: artmed,2009.p.235-246.vol.1

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2,1998.

FLICK, U.Introdução à coleção Pesquisa qualitativa. In GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. São Paulo: ArtMed, 2009.

GERARD, J. M.; KRISHNAKUMAR, A.; BUHELER, C. Marital Conflict, Parent-Child Relations, and Youth Maladjustment A Longitudinal Investigation of Spillover Effects. **Journal of Family Issues**, v. 27, n. 7, p. 951-975, 2006.

GRANDESSO, M.A. Desenvolvimentos em terapia familiar: das teorias às práticas e das práticas à teoria. In **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: artmed,2009.p.104-117.vol1

GRIFFA, MC; MORENO, JE. **Chaves para a psicologia do Desenvolvimento – Adolescência, Vida adulta, Velhice**. São Paulo: Paulinas, 4ed. 2008.

IBGE. **Estatísticas do Registro Civil**. Rio de Janeiro, v. 36, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2010/default.shtm>. Acessado em 10 de mai. de 2012.

JORDÃO, A. Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. **Aletheia** 27(1), p.157-172, jan./jun. 2008.

KROM, M., **Família e Mitos. Prevenção e Terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

LANDINI, JC. **Do animal ao humano uma leitura psicodramática**. São Paulo: Ed. Ágora: 1998.

LOPES, S.M.P.C. **Influências familiares na conjugalidade: o clima relacional na família de origem, a Satisfação conjugal e a proximidade conjugal** – Dissertação (Mestrado integrado em Psicologia) Universidade de Lisboa Faculdade de Psicologia e Ciências da educação. Lisboa, 2008. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/720/1/17440_completo.pdf. Acessado em 10 de dez de 2012.

MACEDO, R.M.S. Questões de gênero na terapia de família e casal. In: OSÓRIO, L. C.; VALLE, M. E. (Orgs.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.p.58-73.vol.1

MAGALHÃES, A.S ; FERRES-CARNEIRO, T. Em busca da conjugalidade perdida: quando a parentalidade prevalece. In: FERRES-CARNEIRO, T. **Casal e Família: Conjugalidade e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.p.161-172.

MENEZES, C.C. **A transição para o casamento**. – Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento). Universidade federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7726/000554810.pdf?sequence=1>. Acessado em 05 de out. de 2012

MENGHI, P. O casal útil. In: M. ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. (ORGS.). **O casal em crise** São Paulo: Summus, 1993. p. 58-66.

MCGOLDRICK, M. As mulheres e o Ciclo de vida Familiar. In: CARTER, B; MCGOLDRICK, M. (Orgs.), **As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.p.30-64.

MCGOLDRICK, M. GERSON, R; PETRY, S. **Genogramas – Avaliação e Intervenção Familiar**. Porto Alegre: artmed, 2012.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MUNHOZ, M. L. P. Estudo Longitudinal sobre "Diferenciação de si mesmo" nas relações conjugais. In: MACEDO, R.M.S. (Org.). **Terapia Familiar na última década**. São Paulo: Editora Roca, 2008, v. 1, p. 352-363.

NETO, J.A.S.; STREY,M.N.; MAGALHAES,A.S. Sobre as motivações para a conjugalidade. In: WAGNER, A. Cols. **Desafios Psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: artmed,2011.p.39-57.

- NICHOLS, M.P; SCHWARTZ, R.C. A terapia familiar sistêmica de Bowen. In: **Terapia familiar Conceitos e Métodos**. Porto Alegre: ARTMED, 2010.p.129-150.
- OLIVEIRA, A. L. Família e irmãos. In: C. M. O. Cerveny (Org.). **Família e narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 63-81.
- OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: artmed, 1996.
- PAYÁ, R. SANTOS,J.L. Terapia Familiar Sistêmica. In: PAYÁ, R. (ORG).**Intercâmbio das Psicoterapias. Como cada abordagem psicoterapêutica compreende os transtornos psiquiátricos**. São Paulo: ROCA, 2011. P.469-474.
- PITTMAN, F. **Mentiras privadas: A infidelidade e a traição na intimidade**. Porto Alegre: Artes Médicas. (1994).
- PRATTA, EMM; SANTOS, MA. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá: v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago.2007.
- PRETO, N.G. Transformações do Sistema Familiar na Adolescência. In: CARTER, B;MCGOLDRICK,M. (Orgs.), **As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia de família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.p.223-247.
- REY, F.G. **Pesquisa qualitativa em Psicologia. Caminhos e desafios**. São Paulo: Ed. Thomson Pioneira, 2002.
- SARTI, C. A. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.), **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SILVA, I. M.; MENEZES, C. C. LOPES, R. C. S. Em busca da "cara-metade": motivações para a escolha do cônjuge. **Estudos de Psicologia**. Campinas: 2010, vol.27, n.3, pp. 383-391. ISSN 0103-166X. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2010000300010&script=sci_arttext. Acessado em 01 de jan. de 2013.
- SINGLY, F. O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C. SINGLY, F.; CICCHELLI, V. (Orgs.). **Família e individualização** Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.13-19.
- STENGEL, M. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte: 2011 vol.17, n.3.2011. p.502-521.Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2011v17n3p502/3773>. Acessado em 10 de ago. de 2012.

WAGNER, A; FALCKE, D; SILVEIRA, LMB; MOSMANN, C.P. Comunicação em Famílias com Filhos Adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 75-80, 2002.

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A.B. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In: WAGNER, A. Cols. **Desafios Psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: artmed, 2011.p.19-35.

WILLI, Jürg. A construção didática da realidade. In ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. (ORGS.). **O casal em crise** São Paulo: Summus, 1993. p. 38-46.

ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista (Online)**, 15(2), p.56-76, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200005&script=sci_arttext&tlng=es. Acessado em 10 de nov. de 2012.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA CONSTRUÇÃO DO GENOGRAMA

1. Conte sobre a sua família de origem: quem são seus pais e irmãos, como são as relações entre eles e você?
2. O que você sabe sobre a história familiar de seus pais?
3. Conte sua história conjugal: quando se conheceram, como é a sua relação com seu cônjuge e com os sogros e cunhados?
4. E o(s) seu(s) filho(s)? Quem é (são) e como é a sua relação com ele(s)?

APENDICE B - ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DE ENTREVISTA

1. Como foi a sua adolescência?
 - 1.1 Amigos, namoro, escola.
2. Qual a cena que mais marcou sua transição para essa fase? Em que momento se deu conta que não era mais criança?
3. Como era a sua relação com seus pais na sua adolescência? E antes?
4. Como era a relação entre seus pais na sua adolescência?
 - 4.1 O que você acha que mudou na relação deles quando você entrou nessa fase?
5. Em que momento da sua vida sua esposa/marido surgiu? Como se conheceram?
6. O que te motivou a casar com sua esposa/marido?
7. O que você considera um casamento feliz?
8. Qual foi o momento em que seu casamento foi mais feliz?
9. E menos feliz?
10. Em que momento do casamento o primeiro filho nasceu?
11. Ao surgir a função parental que aspectos foram percebidos no casamento?
 - 11.1 O que mudou na rotina do casal?
12. Quais as diferenças que podem ser percebidas no casamento nos últimos cinco anos em relação aos primeiros anos?
13. Qual o significado de ter um filho adolescente?
14. Em que momento você se deu conta que seu filho tinha entrado na adolescência?
15. O que aconteceu na vida de casado (a) depois que o filho entrou nessa fase?
16. Você acha que ser pai/mãe de adolescente interfere no casamento? Por quê?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu _____,
RG: _____, CPF: _____,
afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, ____/____/____.

Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

Miriã A. R. Alcântara
(Orientadora)

Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
(Estudante pesquisadora)

ANEXO A - SÍMBOLOS UTILIZADOS NO GENOGRAMA

<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 25%; vertical-align: top;"> <p>Homem □ Heterossexual ▽ Homossexual</p> </td> <td style="width: 25%; vertical-align: top;"> <p>Mulher ○ Lésbica ▽ Bissexual</p> </td> <td style="width: 25%; vertical-align: top;"> <p>Animal de estimação ◇</p> </td> <td style="width: 25%; vertical-align: top;"> <p>Terapia ou ligação a outras instituições □</p> </td> </tr> <tr> <td colspan="2"> <p>Transsexuais</p> <p>Homem para mulher: □ Mulher para homem: □</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <p>Imigração □</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <p>Segredo da família ▲ Viveu em 2^o ambientes culturais □</p> </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: top;"> <p>Data de nascimento 41- □ Acima do símbolo</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <p>Idade 82- 23 □ Dentro do símbolo</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <p>Morte 1941-2001 60 □ X e idade em que morreu no símbolo, data da morte acima do símbolo*</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <p>Local e renda anual Boston \$100.000 72- □ Acima da data de nascimento</p> </td> </tr> </table> <p><small>*Quando diversos geradores são incluídos, use um x apenas para morte prematura.</small></p>	<p>Homem □ Heterossexual ▽ Homossexual</p>	<p>Mulher ○ Lésbica ▽ Bissexual</p>	<p>Animal de estimação ◇</p>	<p>Terapia ou ligação a outras instituições □</p>	<p>Transsexuais</p> <p>Homem para mulher: □ Mulher para homem: □</p>		<p>Imigração □</p>	<p>Segredo da família ▲ Viveu em 2^o ambientes culturais □</p>	<p>Data de nascimento 41- □ Acima do símbolo</p>	<p>Idade 82- 23 □ Dentro do símbolo</p>	<p>Morte 1941-2001 60 □ X e idade em que morreu no símbolo, data da morte acima do símbolo*</p>	<p>Local e renda anual Boston \$100.000 72- □ Acima da data de nascimento</p>	<p>Lar demonstrado através de círculo envolvendo membros que vivem juntos (casal vivendo com seu cachorro após os filhos saírem de casa)</p> <p>Nome dos membros do genograma primário escritos em posição inferior aos nomes dos irmãos</p> <p>Paciente identificado (ip) símbolo com linha dupla e com nome escrito em posição inferior aos nomes dos irmãos</p> <p>Nome do cônjuge escrito em letra menor e mais para baixo</p>													
<p>Homem □ Heterossexual ▽ Homossexual</p>	<p>Mulher ○ Lésbica ▽ Bissexual</p>	<p>Animal de estimação ◇</p>	<p>Terapia ou ligação a outras instituições □</p>																							
<p>Transsexuais</p> <p>Homem para mulher: □ Mulher para homem: □</p>		<p>Imigração □</p>	<p>Segredo da família ▲ Viveu em 2^o ambientes culturais □</p>																							
<p>Data de nascimento 41- □ Acima do símbolo</p>	<p>Idade 82- 23 □ Dentro do símbolo</p>	<p>Morte 1941-2001 60 □ X e idade em que morreu no símbolo, data da morte acima do símbolo*</p>	<p>Local e renda anual Boston \$100.000 72- □ Acima da data de nascimento</p>																							
<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 25%; text-align: center;"> <p>Casamento</p> <p>c 1970</p> </td> <td style="width: 25%; text-align: center;"> <p>Caso de amor secreto</p> <p>Caso de amor 95</p> </td> <td style="width: 25%; text-align: center;"> <p>Relação sexual vivendo juntos</p> <p>VJ 95</p> </td> <td style="width: 25%; text-align: center;"> <p>União estável</p> <p>U 95</p> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"> <p>Separação matrimonial</p> <p>c 70, s 95</p> </td> <td style="text-align: center;"> <p>Reconciliação conjugal após separação</p> <p>s 95-96</p> </td> <td style="text-align: center;"> <p>Divórcio</p> <p>c 70, s 95, d 97</p> </td> <td style="text-align: center;"> <p>Reconciliação após divórcio</p> <p>d 98, recas 00</p> </td> </tr> </table> <p style="text-align: center;">Divórcio e recasamento</p> <p>c 95, c 80, s 85-86, d 90, recas 93, rediv 94, c 97</p>				<p>Casamento</p> <p>c 1970</p>	<p>Caso de amor secreto</p> <p>Caso de amor 95</p>	<p>Relação sexual vivendo juntos</p> <p>VJ 95</p>	<p>União estável</p> <p>U 95</p>	<p>Separação matrimonial</p> <p>c 70, s 95</p>	<p>Reconciliação conjugal após separação</p> <p>s 95-96</p>	<p>Divórcio</p> <p>c 70, s 95, d 97</p>	<p>Reconciliação após divórcio</p> <p>d 98, recas 00</p>	<p>Filho adotivo/criança acolhida</p> <p>Use uma seta para indicar a família pela qual a criança foi acolhida</p> <p>Adotada aos 5</p> <p>Inseminação artificial</p> <p>Filha casal lésbico concebida com o óvulo de uma das parceiras e doador de esperma</p> <p>Filha de casal gay concebida com o esperma de um dos parceiros e doadora de óvulo, por meio de uma mãe substituta</p>														
<p>Casamento</p> <p>c 1970</p>	<p>Caso de amor secreto</p> <p>Caso de amor 95</p>	<p>Relação sexual vivendo juntos</p> <p>VJ 95</p>	<p>União estável</p> <p>U 95</p>																							
<p>Separação matrimonial</p> <p>c 70, s 95</p>	<p>Reconciliação conjugal após separação</p> <p>s 95-96</p>	<p>Divórcio</p> <p>c 70, s 95, d 97</p>	<p>Reconciliação após divórcio</p> <p>d 98, recas 00</p>																							
<p style="text-align: center;">Filhos</p> <p style="text-align: center;"><i>Lista em ordem de nascimento iniciada pelo mais velho à esquerda</i></p> <p>92- 13 Filho biológico 94- 11 Criança acolhida 95- 10 Filho adotado A97 -97 Nascimento de filho desconhecido -99 Aborto espontâneo -01 Aborto 03- 03- Gêmeos 04- 04- Gêmeos idênticos 05- Gravidez</p>																										
<p>Padrões interacionais entre pessoas</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 33%;"> <p>Focado em</p> </td> <td style="width: 33%;"> <p>Próximo</p> </td> <td style="width: 33%;"> <p>Unido</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Hostil</p> </td> <td> <p>Próximo-hostil</p> </td> <td> <p>Focado negativamente</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Distante</p> </td> <td> <p>Rompimento*</p> </td> <td> <p>Rompimento reparado</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Cuidador</p> </td> <td> <p>Conexão espiritual ou afinidade</p> </td> <td> <p>Relação positiva</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Abuso físico</p> </td> <td> <p>Abuso emocional</p> </td> <td> <p>Abuso sexual</p> </td> </tr> </table> <p><small>*Flecha (opcional) mostra direções</small></p>	<p>Focado em</p>	<p>Próximo</p>	<p>Unido</p>	<p>Hostil</p>	<p>Próximo-hostil</p>	<p>Focado negativamente</p>	<p>Distante</p>	<p>Rompimento*</p>	<p>Rompimento reparado</p>	<p>Cuidador</p>	<p>Conexão espiritual ou afinidade</p>	<p>Relação positiva</p>	<p>Abuso físico</p>	<p>Abuso emocional</p>	<p>Abuso sexual</p>	<p>Vício, doença física, doença mental ou outros problemas</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 50%;"> <p>Doença física ou psicológica</p> </td> <td style="width: 50%;"> <p>Doença física ou psicológica em repetição</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Abuso de substâncias químicas</p> </td> <td> <p>Em reabilitação de abuso de substâncias químicas</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Suspeita de abuso de substâncias químicas</p> </td> <td> <p>Em recuperação de problemas mentais ou físicos e de abuso de substância</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Doença física ou mental séria e abuso de substâncias químicas</p> </td> <td> <p>Fumante</p> </td> </tr> <tr> <td> <p>Obesidade</p> </td> <td> <p>Dificuldade linguística (pessoa não domina sua língua materna)</p> </td> </tr> </table>	<p>Doença física ou psicológica</p>	<p>Doença física ou psicológica em repetição</p>	<p>Abuso de substâncias químicas</p>	<p>Em reabilitação de abuso de substâncias químicas</p>	<p>Suspeita de abuso de substâncias químicas</p>	<p>Em recuperação de problemas mentais ou físicos e de abuso de substância</p>	<p>Doença física ou mental séria e abuso de substâncias químicas</p>	<p>Fumante</p>	<p>Obesidade</p>	<p>Dificuldade linguística (pessoa não domina sua língua materna)</p>
<p>Focado em</p>	<p>Próximo</p>	<p>Unido</p>																								
<p>Hostil</p>	<p>Próximo-hostil</p>	<p>Focado negativamente</p>																								
<p>Distante</p>	<p>Rompimento*</p>	<p>Rompimento reparado</p>																								
<p>Cuidador</p>	<p>Conexão espiritual ou afinidade</p>	<p>Relação positiva</p>																								
<p>Abuso físico</p>	<p>Abuso emocional</p>	<p>Abuso sexual</p>																								
<p>Doença física ou psicológica</p>	<p>Doença física ou psicológica em repetição</p>																									
<p>Abuso de substâncias químicas</p>	<p>Em reabilitação de abuso de substâncias químicas</p>																									
<p>Suspeita de abuso de substâncias químicas</p>	<p>Em recuperação de problemas mentais ou físicos e de abuso de substância</p>																									
<p>Doença física ou mental séria e abuso de substâncias químicas</p>	<p>Fumante</p>																									
<p>Obesidade</p>	<p>Dificuldade linguística (pessoa não domina sua língua materna)</p>																									



MCGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012.

ANEXO B – FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS (PLATAFORMA BRASIL)



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Família com filhos adolescentes: implicações para a conjugalidade dos pais		2. CAAE:	
3. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
4. Nome: MIRIÁ ALVES RAMOS DE ALCÂNTARA			
5. CPF: 592.099.255-72		6. Endereço (Rua, n.º): ARQUIMEDES GONCALVES NAZARE 60 SALVADOR BAHIA 40050300	
7. Nacionalidade: BRASILEIRA		8. Telefone: (71) 3322-0534	9. Outro Telefone:
11. Cargo:		10. Email: miria.alcantara@gmail.com	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> <p style="text-align: center;">Data: <u>26</u> / <u>04</u> / <u>2012</u></p> <p style="text-align: right;"> Assinatura</p>			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Católica do Salvador		13. CNPJ: 15.208.341/0001-24	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (71) 3206-7813		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Responsável: <u>MARIA JULIETA FIRPO FONTES</u> CPF: <u>187.834.575-39</u></p> <p>Cargo/Função: <u>SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO</u></p> <p style="text-align: center;">Data: <u>26</u> / <u>04</u> / <u>2012</u></p> <p style="text-align: right;"> Prof. Maria Julieta Firpo Fontes Assinatura Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação Universidade Católica do Salvador-UCSal</p>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO C – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Rede de
Ensino

IMES

FTC
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS

INSTITUTO MANTENEDOR DE ENSINO SUPERIOR

Comitê de Ética em Pesquisa


PARECER DO CEP/IMES

O protocolo nº 3835 **Título do projeto:** A família com filhos adolescentes: implicações para a conjugalidade dos pais. teve **PARECER considerado APROVADO**, na Reunião Plenária do CEP/IMES realizada em 11 de Junho de 2012.

(X) Aprovado
() Não Aprovado
() Projeto com Pendências
() Aprovado com Recomendações

Dar conhecimento ao pesquisador, e lembrar a necessidade de entrega do relatório final.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Antônio de Almeida Souza
Convidado Comitê de Ética em Pesquisa
IMES

ANEXO D – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADOS PELOS PARTICIPANTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

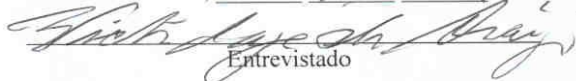
O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu, VICTOR LAGE DE ARAUJO
RG: M-2247801 SSP/MG, CPF: 584.879.486-34, afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, 06 / 10 / 2012.


Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

Miriã A. R. Alcântara
(Orientadora)

Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
(Estudante pesquisadora)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu, Sumaia Midy R. Almeida
 RG: 2501139, CPF: 262853635-87, afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, 06/10/2012

[Assinatura]
 Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

 Miriã A. R. Alcântara
 (Orientadora)

 Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
 (Estudante pesquisadora)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu, Maria Luíza da Costa e S. Lage
RG: 115 2911345 SSP/BA, CPF: 240.729.403-30, afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, 06 / 10 / 12.



Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

Miriã A. R. Alcântara
(Orientadora)

Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
(Estudante pesquisadora)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu, LUÍS ANTONIO C. SILVA,
RG: 8.258.479, CPF: 102.972.118-11, afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, _____

Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

Miriã A. R. Alcântara
(Orientadora)

Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
(Estudante pesquisadora)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu, FRASIELE LAHVD COSTA C. SILVA,
RG: 9158700, CPF: 104853968-06, afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, 05 / 10 / 2012.

Frasielle Lahev C. C. Silva

Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

Miriã A. R. Alcântara
(Orientadora)

Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
(Estudante pesquisadora)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu, EMERSON KENISEI DE SA
RG: 872 106 81, CPF: 130 691 785 68, afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, 06 / 10 / 2012.

Emerson Kenisei de Sa
Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

Miriã A. R. Alcântara
(Orientadora)

Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
(Estudante pesquisadora)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

- O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu, ARLEIDES DAE BATISTA
RG: 3780045-06, CPF: 567.956.965-53, afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, 18 110 12012.


Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

Miriã A. R. Alcântara
(Orientadora)

Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
(Estudante pesquisadora)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo proposto tem como objetivo analisar e discutir questões referentes à família com filhos adolescentes, no que se refere ao processo de conjugalidade dos pais frente a transformações dos filhos, utilizando como suporte a teoria sistêmica de análise da família e conceitos como proximidade, parentalidade, diferenciação e indiferenciação.

Será garantido a liberdade da participante de recusar-se ou retirar-se da pesquisa proposta até o momento final desta sem penalidades. É garantido o sigilo e a privacidade de todas as informações obtidas, sendo-as utilizadas somente para a destinação prevista. Deixa-se claro que não haverá forma de remuneração de qualquer parte.

Após toda a leitura do texto acima, Eu, Antonio Antonio L. Barros, RG: 7.236.517-38, CPF: 389.754.105-84, afirmo estar de acordo em cooperar com a estudante Patrícia Caldeira de Queiroz Vilas-Boas na efetivação de sua pesquisa. Com este objetivo foi comunicado (a) a mim da necessidade de responder ao formulário acima proposto.

Fui previamente explicado (a) quanto ao objetivo e justificativa deste trabalho, além da possibilidade de requerer maiores informações quando julgar necessário. Ainda, sei que os dados obtidos com este estudo serão fornecidos a mim mediante solicitação. A estudante certificou-me de que as informações colhidas terão caráter confidencial, tendo acesso a essas, somente a equipe responsável pela execução e elaboração da pesquisa.

Salvador, 18/10/2012.

[Assinatura]
Entrevistado

Eu, estudante responsável, informei ao entrevistado acima, de todas as informações pertinentes a este estudo.

Mirã A. R. Alcântara
(Orientadora)

Patrícia C. de Q. Vilas-Boas
(Estudante pesquisadora)